



Ray Bradbury
A
Árvore do
Halloween

B

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Ray Bradbury
A Árvore do
Halloween

B



Ray Bradbury

A ÁRVORE DO HALLOWEEN

Ilustrado por Joseph Mugnaini

Tradução

Natalie Gerhardt

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2014

Copyright 1972, renovado em 2000 by Ray Bradbury
Copyright Tradução, 2013, by Bertrand Brasil Ltda.

Título original: *The Halloween Tree*

Capa: Oporto Design
Ilustrações de capa e miolo: Joseph Mugnaini Estate
Editoração: FA Studio
Scan e ePub: Troye (Toca Digital)

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2014

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Cip-Brasil Catalogação na publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ
B819a Bradbury, Ray

A árvore do Halloween / Ray Bradbury; ilustração Joseph Mugnaini; tradução Natalie Gerhardt. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
160 p.: il.; 23 cm.

Tradução de: the halloween tree
ISBN 978-85-286-1478-7

1. Ficção americana. I. Mugnaini, Joseph. II. Gerhardt, Natalie. III. Título.

CDD:813

14-12216 CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra,
por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002



Com amor para
MADAME MAN'HA GARREAU-DOMBASLE
a quem conheci em 1945
à meia-noite no cemitério
da ilha de Janitzio no Lago Patzcuaro, México,
e de quem me lembro em todos os aniversários
do Dia dos Mortos.

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Sobre o autor

Sobre o ilustrador

Capítulo 1



Era uma pequena cidade, próxima a um pequeno rio e a um pequeno lago em uma pequena parte ao norte de um estado do meio-oeste. Não havia natureza o suficiente que o impedisse de ver a cidade. Mas, por outro lado, não havia cidade o suficiente que o impedisse de ver e sentir e tocar e cheirar a natureza. A cidade era cheia de árvores. E de grama seca e flores mortas agora que o outono se estabeleceu. E cheia de muros sobre os quais se podia caminhar e calçadas para andar de skate e uma grande ravina para rolar e gritar. E a cidade era cheia de...

Garotos.

E era tarde de Halloween.

E todas as casas estavam fechadas para se proteger do vento frio.

E a cidade era iluminada por um sol gelado.

Mas, de repente, o dia se foi.

A noite chegou, surgindo por baixo de cada árvore, e se espalhou.

Atrás das portas de todas as casas, havia passinhos ágeis, gritos abafados, tremeluzir de luzes.

Atrás de uma porta, Tom Skelton, 13 anos, parou e escutou com atenção.

O vento lá fora se aninhava em cada árvore, vagando pelas calçadas com passos ocultos como os de gatos invisíveis.

Tom Skelton estremeceu. Qualquer um podia notar que o vento era especial naquela noite, e era especial a sensação que a escuridão despertava, pois era Dia das Bruxas. Tudo parecia ter sido recortado de um tecido macio de veludo negro ou de veludo laranja ou doura-

do. Milhares de chaminés soltavam fumaça que se elevava como plumas de cortejos fúnebres. Das janelas das cozinhas, saíam dois cheiros de abóbora: frutos sendo cortados, tortas sendo assadas.

Os gritos atrás das portas trancadas ficavam mais exasperados à medida que as sombras dos garotos despontavam nas janelas. Garotos meio-vestidos, com rostos pintados; um corcunda aqui, um gigante de médio porte acolá. Sótãos ainda estavam sendo revirados; trancas antigas, quebradas; velhos baús de madeira, esvaziados em busca de fantasias.

Tom Skelton vestiu seus ossos.

Riu da coluna vertebral, das costelas e das patelas brancas estampadas no tecido negro.

Que sorte!, pensou ele. Que nome ele tinha! Tom Skelton. Excelente para o Halloween! Todos o chamavam de *Esqueleto*! Então, o que usar?

Ossos.

Bum! Oito portas se fecharam.

Oito garotos saltaram lindamente sobre vasos de flores, cercas, samambaias murchas, arbustos, pousando no jardim ressecado na frente de suas próprias casas. Trotando e correndo, deram os últimos retoques: amarraram um lençol, ajustaram as máscaras, enfiaram chapéus estranhos no formato de cogumelos esquisitos ou arrumaram as asas, gritando enquanto o vento os ajudava a avançar correndo; felizes com o vento ou xingando xingamentos de garotos quando as máscaras caíam ou ficavam penduradas de lado ou cobriam suas narinas com o cheiro de musselina que mais parecia o bafo quente de um cachorro. Ou apenas permitindo que a euforia de estar vivo e passeando naquela noite enchesse seus pulmões e tomasse suas gargantas até emitirem um urro e um urro e um... uuuurroooo!

Oito garotos trombaram numa esquina.

— Aqui estou eu: a Bruxa!

— Homem das Cavernas!

— Esqueleto! — disse Tom, engraçado dentro da fantasia de ossos.

— Gárgula!

— Mendigo!

— A Morte em Pessoa!

Bum! Eles esqueceram suas concussões, todos felizes e encobertos por seus disfarces, sob a luz de um poste da esquina. A lâmpada elétrica balançava ao vento como o sino de uma catedral. Os parale-

lepípedos se transformaram em tábuas de um navio pirata, inclinado e afundando, ora na luz, ora na escuridão.

Atrás de cada máscara, um garoto.

— Quem é esse? — perguntou Tom Skelton, apontando com o dedo.

— Não posso contar. É segredo! — exclamou a Bruxa, disfarçando a voz.

Todos riram.

— Quem é esse?

— A Múmia! — exclamou o garoto envolto por gazes antigas e amareladas, como um imenso charuto espreitando as ruas noturnas.

— E quem...?

— Não dá tempo! — respondeu Alguém Atrás de Outra Máscara Misteriosa de Musselina e Tinta. — Gostosuras ou travessuras!

— É, isso aí!

Gritando, gemendo, dando risadas demoníacas, eles correram pelas calçadas, saltaram sobre arbustos e quase pisaram num cachorro que ladrava por ali. Mas, no meio da corrida, dos risos, dos latidos, de repente, como se uma grande mão feita de noite e de vento e de há-algo-errado-aí os impedisse de continuar, todos pararam.

— Seis, sete, oito.

— *Não pode ser!* Conte de novo.

— Quatro, cinco, seis...

— Deveríamos ser *nove!* Está faltando alguém!

Eles se farejaram, como feras amedrontadas.

— Pipkin não está aqui!

Como eles sabiam? Todos estavam ocultos por máscaras. Mesmo assim... Mesmo assim...

Eles podiam *sentir* sua ausência.

— Pipkin! Ele nunca perdeu um Halloween em um zilhão de anos. Nossa, tem alguma coisa errada. Vamos!

Em uma guinada apressada, deram meia-volta e seguiram até o meio da rua pavimentada e se espalharam como folhas antes de uma tempestade.

— Ele mora aqui!

Todos pararam. Diante deles estava a casa de Pipkin, mas não havia abóboras o bastante nas janelas, decoração o bastante na varanda, assombrações o bastante atrás dos vidros escuros do cômodo mais alto.

— Caramba! — exclamou alguém. — E se Pipkin estiver *doente*?

— O Halloween não seria o mesmo sem Pipkin.

— Não no Halloween — resmungaram todos.

E alguém atirou uma maçã contra a porta de Pipkin, provocando um som surdo e baixo como o de um coelho chutando a madeira.

Eles esperaram, tristes sem motivo, perdidos sem motivo. Pensaram em Pipkin e num Halloween que seria como uma abóbora podre com uma vela apagada se, se, se... Pipkin não estivesse lá.

Vamos logo, Pipkin. Venha e *salve* a Noite!

Capítulo 2



Por que eles estavam esperando, receosos por um garotinho?

Porque...

Joe Pipkin era o garoto mais incrível que já existiu. O garoto mais distinto que já caiu de uma árvore e acabou rindo da piada. O garoto mais admirável que já apostou corrida pela trilha e, ao perceber que vencia a grande distância dos amigos, tropeçou e caiu, esperando que o alcançassem, se unindo a eles novamente, para juntos cruzarem a linha de chegada. O garoto mais alegre que já partiu em busca de todas as casas mal-assombradas da cidade, que eram difíceis de encontrar, e voltou para contar aos colegas e os levou para passear pelos porões e escalar as trepadeiras que cobriam os muros e gritar nas chaminés e derrubar água do telhado e assoviar e dançar e berrar como macacos. No dia em que Joe Pipkin nasceu, todas as garrafas de refrigerante do mundo efervesceram; e abelhas jubilosas voaram num enxame pelos campos para ferrear donzelas. Nos seus aniversários, o lago se recolhia em pleno verão e retornava com uma onda de garotos, corpos saltitantes e uma explosão de gargalhadas.

Ao amanhecer, ainda deitado na cama, você escuta bicadas de passarinho no vidro da janela. Pipkin.

Você coloca a cabeça para fora, no limpo ar matinal, claro como neve no verão.

No orvalho sobre o gramado, há pegadas de coelho onde, momentos atrás, não uma dúzia, mas apenas um coelho circulou e cruzou toda glória e exaltação, pulando cercas, aparando samambaias, esmagando trevos. Assemelhava-se aos trilhos da estação ferroviária. Milhões de rastros na grama, mas nada de...

Pipkin.

E ali ele surgia como um girassol selvagem no jardim. O rosto grande e redondo banhado pelo sol fresco. Os olhos brilhantes, emitindo sinais de código Morse:

— Depressa! Está quase acabando!

— O quê?

— Hoje! Agora! Seis da manhã! Mergulhe! *Abra caminho!*

Ou:

— Este *verão!* Antes que você perceba, bum! Acabou! Rápido!

E ele então afundava nos girassóis e voltava como cebola.

Pipkin, ah, querido Pipkin! O mais legal e amável garoto de todos.

Ninguém sabia como ele conseguia correr tão rápido. Seus tênis eram arcaicos. Tinham o verde das relvas pelas quais corra, o marrom dos antigos campos de colheita pelos quais passara em setembro do ano anterior, as manchas de alcatrão das corridas pelas docas e pelas praias por onde passavam as barcas de carvão, o amarelo de cães desatentos e cheios de lascas de tanto escalar cercas de madeira. Suas roupas eram roupas de espantalho, usadas pelos seus cachorros durante toda a noite, emprestadas a eles para passeios noturnos, com marcas de mordidas nas mangas e sinais de quedas na parte traseira.

Seus cabelos? Seus cabelos eram grandes cerdas castanho-claras ouriçadas e espetadas para todos os lados. As orelhas, pura maciez. As mãos, enluvadas com poeira e o doce aroma canino misturado com hortelã e pêssegos roubados dos distantes pomares campestres.

Pipkin. Um misto de velocidades, aromas, texturas; a representação de todos os garotos que já correram, caíram, se levantaram e correram de novo.

Ninguém, em todos aqueles anos, jamais o avistara sentado quieto. Era difícil se lembrar dele na escola ocupando seu lugar por uma hora seguida. Era o último da turma a chegar e o primeiro a se mandar quando o sinal tocava, indicando o fim do dia.

Pipkin, doce Pipkin.

Que cantava, tocava *kazoo*⁽ⁱⁱⁱ⁾ e odiava as garotas mais do que todos os outros garotos da turma juntos.

Pipkin, cujo braço em torno de seus ombros e segredos sussurrados acerca dos grandes feitos do dia protegiam você do mundo.

Pipkin.

Deus acordava cedo apenas para ver Pipkin sair de casa, como

uma daquelas pessoas que acompanham a previsão do tempo. E o tempo sempre era bom onde quer que Pipkin estivesse.

Pipkin.

Os garotos continuavam em pé em frente à sua casa.

A qualquer momento aquela porta se abriria completamente.

Pipkin saltaria para fora numa explosão de fogo e fumaça;

E aí, sim, o Halloween REALMENTE começaria!

Vamos logo, Joe, ah, Pipkin, sussurravam eles, vamos logo!

Capítulo 3



A porta da frente se abriu.

Pipkin saiu.

Não voou. Não fez barulho. Não explodiu.

Apenas *saiu*.

E se aproximou pelo caminho de entrada para encontrar os amigos.

Não correu. E estava *sem* máscara! Nada de máscara!

Em vez disso, movia-se quase como um ancião.

— Pipkin! — gritaram todos, para espantar a inquietude.

— Oi, gente — cumprimentou Pipkin.

Seu rosto estava pálido. Ele tentou sorrir, mas seus olhos pareciam estranhos. A mão estava pousada sobre o lado direito do tronco como se sentisse uma queimação ali.

Todos olharam para a sua mão. Ele deixou a mão cair ao longo do corpo.

— Bem — disse ele com um entusiasmo forçado. — Prontos para irmos?

— Sim, mas *você* não parece pronto — respondeu Tom. — Tá doente?

— No Halloween? — perguntou Pipkin. — Tá brincando, né?

— Mas cadê sua fantasia...?

— Vocês vão na frente e eu alcanço vocês depois.

— Nada disso, Pipkin. Vamos esperar você para...

— Não, vão na frente — disse Pipkin bem devagar, agora com

o rosto mortalmente pálido. A mão novamente pousado no lado direito do corpo.

— Você está com dor de estômago? — quis saber Tom. — Já falou com os seus pais?

— Não, não, eu não posso! Eles... — Lágrimas brilharam nos olhos de Pipkin. — Olhem só, não é nada demais. Vocês vão na frente em direção à ravina. Direto para a Casa, OK? Aquela das Assombrações, certo? Vou encontrar vocês lá.

— Promete?

— Prometo. Esperem até ver a minha fantasia!

Os garotos começaram a se afastar. Ao partirem, tocaram o cotovelo de Pipkin, ou deram um tapinha no seu peito, ou levaram o punho ao seu queixo para fingir um soco.

— Tá certo, Pipkin. Já que você tem certeza...

— Tenho certeza absoluta. — Ele afastou a mão do lado do corpo. O rosto ficou momentaneamente corado, como se a dor tivesse passado. — Coloquem as máscaras. Preparem-se. Vão!

Quando Joe Pipkin disse “Vão!”, eles foram.

Correram.

Correram de costas até o meio do quarteirão para que pudessem ver Pipkin ali, acenando para eles.

— Anda logo, Pipkin!

— Alcançarei vocês! — gritou ele a distância.

A noite o engoliu.

Correram. Quando olharam para trás, ele tinha sumido.

Eles bateram nas portas, gritaram “Gostosuras ou Travessuras” e suas sacolas de papel pardo começaram a se encher dos mais in-críveis doces. Galoparam com os dentes colados com chiclete rosa. Correram com bocas vermelhas de cera encobrindo seus rostos.

Mas todos que abriram a porta para eles pareciam cópias duplicadas de seus pais. Era como se eles nunca tivessem saído de casa. Havia muita bondade brilhando em cada janela, em cada porta. O que queriam era ouvir dragões expelindo fumaça nos porões e bater em portas de castelos.

Assim, ainda olhando para trás à espera de Pipkin, chegaram ao limite da cidade e ao local onde a civilização caía na escuridão.

A Ravina.

A ravina, repleta dos diversos sons noturnos, olhos à espreita nos rios e riachos negros, sombras de outonos que rolaram pelo fogo e pelo bronze e morreram cem anos atrás. Da profundidade daque-

le lugar, espalhavam-se cogumelos e fungos venenosos e sapos gelados e pitus e aranhas. Havia um túnel comprido que descia por baixo da terra e pelo qual pingavam gotas de água envenenada e ecoava o chamado de Venha, Venha, Venha, e, se você fosse, ficaria lá para sempre, sempre, pingo, pressa, sempre, som, sussurro e fique, fique, fique...

Os garotos se alinharam à beira da escuridão e olharam para baixo.

Então, Tom Skelton, sentindo o frio nos ossos, soltou um assovio como o do vento açoitando a tela do quarto durante a noite. Ele apontou.

— Ei, foi para *lá* que Pipkin nos disse para ir!

Ele sumiu.

Todos olharam e viram o corpo pequeno descer pelo caminho sujo e mergulhar em cem milhões de toneladas de noite entulhadas naquele imenso poço escuro, naquele porão úmido, naquela ravina deliciosamente assustadora.

Gritando, eles o seguiram.

E o local onde estavam antes ficou vazio.

A cidade foi deixada padecendo na própria doçura.

Capítulo 4



Eles desceram a ravina numa corrida apressada e ligeira, todos rindo e tropeçando. Eram cotovelos e canelas, eram urros animados e confusão, até colidirem com Tom Skelton, que parara e apontava um caminho.

— Ali — sussurrou ele. — Ali está a *única* casa da cidade que vale a pena visitar no Halloween.

— É! — exclamaram todos.

Pois era a verdade. A casa era especial e magnífica e alta e sombria. Devia haver nela umas mil janelas, todas refletindo a luz de estrelas frias. Parecia que tinha sido entalhada em mármore negro, em vez de construída com madeira. E lá dentro? Quem poderia imaginar quantos aposentos, corredores, passagens, sótãos? Sótãos superiores e inferiores, alguns mais altos do que outros, alguns com mais poeira e teias de aranha e folhas velhas ou ouro guardado lá em cima no céu, ao alcance dos olhos, mas perdido para sempre tão alto que estava, que nem a escada mais comprida da cidade seria capaz de alcançá-lo.

A casa os atraiu com suas torres, convidou-os com suas portas cerradas. Navios piratas são estimulantes. Fortes antigos são uma bênção. Mas uma casa, uma casa *mal-assombrada*, no Dia das Bruxas? Oito coraçõezinhos batiam em uníssonos, numa tempestade de glória e aprovação.

— Venham!

Mas eles já tomavam a trilha. Até que se viram diante de um muro decadente e, olhando mais e mais e cada vez mais para cima, viram o grande topo sepulcral da velha mansão. Pois era o que parecia. O cume montanhoso da casa era coberto com o que pareci-

am ser ossos negros ou vergalhões, e havia chaminés o suficiente para emitir sinais de fumaça de três dezenas de lareiras fuliginosas ocultas lá embaixo nas entranhas turvas daquele lugar monstruoso. Com tantas chaminés, o telhado parecia um vasto cemitério, com cada chaminé indicando um túmulo de algum deus antigo do fogo ou de alguma feiticeira feita de vapor, fumaça e fagulhas de vagalumes. Enquanto observavam, um tipo de fuligem gélida foi expelido por umas cinquenta chaminés, escurecendo ainda mais o céu e apagando estrelas.

— Uau — disse Tom Skelton. — Pipkin sabe mesmo das coisas!

— Uau — concordaram os outros.

Eles rastejaram pelo caminho coberto de heras daninhas em direção à entrada da casa.

Tom Skelton, sozinho, colocou o pé ossudo no primeiro degrau que levava à varanda da frente. Os outros arfaram perante sua coragem. Então, naquele momento, finalmente juntos, uma massa compacta de garotos suados subiu os degraus e ouviu a madeira sob seus pés ranger e os próprios corpos estremecerem. Cada um deles desejava poder voltar, se virar, correr, mas se via preso contra o garoto à sua frente, atrás ou ao seu lado. Então, com um pseudoempurrão ali e acolá, a forma ameboide de garotos suados se inclinou e correu e parou bem na porta da frente, que era tão alta quanto um caixão e duas vezes mais estreita.

Ficaram parados ali por um tempo, várias mãos se esticando como pernas de uma imensa aranha, pretendendo virar a maçaneta fria ou alcançar a aldraba da porta. Nesse meio-tempo, as tábuas de madeira da varanda se afundaram e pareceram ceder sob o peso de seus corpos, ameaçando desmoronar a cada movimento e jogá-los em algum abismo cheio de baratas abaixo deles. Cada uma das tábuas produziu um lá ou um fá ou um dó, cantando uma canção sinistra enquanto os sapatos pesados as arranhavam. E, se houvesse tempo e fosse de tarde, talvez eles tivessem dançando a música dos cadáveres ou um rigodão de esqueletos, pois quem consegue resistir a uma varanda velha que, como um xilofone gigantesco, deseja apenas que pulem sobre ela para tocar uma música?

Mas eles não estavam pensando nisso.

Henry-Hank Smith (pois era ele mesmo), oculto sob a escura fantasia de Bruxa, exclamou:

— Olhem!

E todos olharam para a aldraba da porta. Tom esticou a mão

trêmula para tocá-la.

— Uma aldraba com a cara de Marley!

— Hã?

— Você sabe, Scrooge e Marley em *Um conto de Natal*⁽ⁱⁱⁱ⁾! — sussurrou Tom.

E realmente o rosto que encimava a aldraba era o de um homem que parecia estar com uma baita dor de dente, o maxilar enfaixado, os cabelos desgrenhados, os dentes para a frente, os olhos arregalados. Mortinho da Silva como Marley, o amigo do sr. Scrooge, habitante das terras além-túmulo, condenado a vagar pela terra até...

— Bata na porta — sugeriu Henry-Hank.

Tom Skelton segurou o maxilar velho, frio e horrendo de Marley, ergueu-o e o deixou-o cair.

Todos pularam com o estrondo!

A casa inteira estremeceu. Os ossos dela se uniram. Sombras se ergueram de modo que as janelas pareceram piscar seus olhos cinzentos.

Tom Skelton deu um salto para trás até o parapeito da varanda e olhou para cima.

Lá no alto, no telhado, estranhos cata-ventos em forma de galo giravam. Galos de duas cabeças rodopiavam ao sabor do vento. Uma gárgula na ala oeste bufou duas vezes, provocando uma chuva de poeira. E, pela serpentina comprida formada pela calha da casa, depois que o vento morreu e os cata-ventos pararam de girar, um tufo errante de folhas de outono e teias de aranha foi soprado e caiu sobre a grama escura.

Tom se virou para olhar para as janelas ligeiramente trêmulas. Reflexos da lua brilhavam nos vidros como escamas de carpas prateadas. Então, a porta da frente estremeceu, sua maçaneta girou, sua aldraba de Marley se contorceu numa careta, e ela se escancarou.

O vento gerado pela abertura repentina da porta quase derrubou os garotos da varanda. Eles agarraram os cotovelos uns dos outros, gritando.

Então, a escuridão da casa inspirou. Um vento adentrou a mansão pela porta da frente, sugando os garotos, fazendo-os deslizar pelo chão da varanda. Eles tiveram de fazer força para trás para não serem puxados para o vestibulo escuro. Lutaram, gritaram, se seguraram no parapeito da varanda. Mas, então, o vento parou.

A escuridão envolveu a escuridão.

Dentro da casa, um pouco afastado, alguém caminhava até a porta. Quem quer que fosse devia estar todo vestido de preto, pois eles não viam nada além de um rosto pálido e branco deslizando no ar.

A aparição abriu um sorriso maligno quando chegou à porta e parou diante deles.

Por trás do sorriso, havia um homem alto oculto pelas sombras. Conseguiram ver seus olhos agora, pequenas contas de fogo verde, enfiadas em buracos chamuscados, olhando para eles.

— Bem — disse Tom. — Hã... Gostosuras ou Travessuras?

— Gostosuras? — perguntou o homem com um sorriso sombrio. — Travessuras?

— Sim, senhor.

O vento tocou uma flauta numa chaminé em algum lugar; uma canção antiga sobre o tempo e lugares distantes. O homem alto parou de sorrir como se fechasse um canivete brilhante.

— Nada de Gostosuras — informou ele. — Apenas... *Travessuras!*

A porta *bateu*.

A casa trovejou numa chuva de poeira.

A calha voltou a cuspir fuligem, em tufos, como se fossem gatos felpudos.

As janelas abertas bafejavam poeira. O pó se elevava das tábuas de madeira da varanda sob os pés dos meninos.

Eles olharam para a porta da frente que acabara de se fechar. A aldraba de Marley não era mais carrancuda, mas exibia um sorriso maligno.



— Como *assim*? — perguntou Tom. — Nada de Gostosuras, apenas Travessuras?

Afastando-se da casa e contornando sua lateral, impressionaram-se com os sons que ela emitia. Uma conversa de sussurros, gritos, estalos, lamentos e murmúrios, e o vento noturno teve o cuidado de permitir que os garotos ouvissem tudo. A cada passo que da-

vam, o casarão enorme se inclinava na direção deles com gemidos suaves.

Chegaram à extremidade dos fundos da casa e pararam.

Pois ali estava a Árvore.

E era uma árvore diferente de qualquer outra que já tinham visto na vida.

Estava no meio de um vasto quintal, atrás da casa horivelmente estranha. E essa árvore se elevava por uns trinta metros no ar, mais alta do que os mais altos telhados e arredondada e cheia de galhos, e coberta por uma coleção completa de folhas de outono vermelhas e marrons e amarelas.

— Mas... — sussurrou Tom. — Oh, vejam. Olhem o que está lá em cima *na* árvore.

Pois a Árvore estava cheia de abóboras de todos os tipos e formas e tamanhos, em tons que iam do amarelo até o laranja-escuro.

— Um pé de abóbora — disse alguém.

— Não — discordou Tom.

O vento soprou por entre os galhos mais altos, fazendo os frutos balançarem de leve.

— É a Árvore do Halloween — afirmou Tom.

E ele estava certo.

Capítulo 5



As abóboras na Árvore não eram meras abóboras. Em cada uma delas, havia um rosto talhado. Cada rosto era diferente. Cada olho era um olho mais estranho. Cada nariz era um nariz mais esquisito. Cada boca sorria horivelmente de uma maneira distinta.

Devia haver mil abóboras naquela árvore, penduradas no alto e em cada galho. Mil sorrisos. Mil caretas. E dois mil olhos recém-cortados reluziam e cintilavam e brilhavam com malícia.

E, enquanto os garotos observavam, algo novo acontecia.

As abóboras começaram a ganhar vida.

Uma por uma, começando pelos galhos mais baixos da Árvore e pelas abóboras mais próximas, as velas se acenderam sozinhas dentro do interior cru. Ali e acolá, esta e aquela, e outra e mais outra, logo acima mais uma, e assim por diante, três abóboras aqui, mais sete bem acima, uma dúzia um pouco além, cem, quinhentas, mil abóboras acenderam suas velas, iluminando suas faces, mostrando o fogo que queimava dentro dos olhos quadrados ou redondos ou curiosamente oblíquos. A chama derretia em suas bocas dentadas. Fagulhas espirravam pelos cortes perfeitos das orelhas.

E, de algum lugar, duas vozes, três ou, quem sabe, quatro vozes sussurravam e cantavam uma espécie de canção ou uma antiga rima de remadores sobre o céu e o tempo e a terra se revirando no sono. As calhas dos telhados sopravam mais poeira e teias de aranha.

“É enorme, é grandiosa...”

Uma voz saía como fumaça da chaminé do telhado:

“É grandiosa, é um espanto...”

Preenche o céu da Noite de Todos os Santos...”

Das janelas abertas, teias de aranha esvoaçavam:

*“A visão mais estranha que terás por fim.
A Monstruosa Árvore no Halloween.”*

As velas tremeluziam e reluziam. O vento murmurava através das bocas das abóboras, entoando a canção.

*“As folhas se abrasaram em tom rubro e dourado
A grama está castanha, está morto o passado,
Mas pendurada no alto, a safra, oh, sim!
A constelação de velas na Árvore do Halloween.”*

Tom sentiu a boca se agitar como um camundongo, querendo cantar:

*“As folham tremulam, as estrelas giram
E as pequenas folhas pelo vento trilham,
E um clã de sorrisos brilha sem fim
Das abóboras na Árvore do Halloween.*

*O sorriso de uma Bruxa, o sorriso de um Gato,
O sorriso de uma Besta, o sorriso de um Sapo,
O sorriso da Morte negociando o fim,
Talhados e brilhantes na Árvore do Halloween...”*

Parecia que Tom exalava fumaça pela boca:

— Árvore do Halloween...

Todos os garotos sussurraram:

— Árvore... do Halloween...

E, então, silêncio.

E, durante o silêncio, o último grupo de três ou quatro velas da árvore de Todos os Santos se acendeu em constelações titânicas, entrelaçando-se através dos galhos e descendo pelos ramos e folhas secas.

A Árvore se transformou num enorme e amplo Sorriso.

A última das abóboras se acendeu. O ar ao redor da Árvore parecia o bafo quente do verão indiano. A Árvore exalou uma fumaça preta, e o cheiro de abóbora crua envolveu os garotos.

— Uau — disse Tom Skelton.

— Ei, que lugar é este? — perguntou Henry-Hank, a Bruxa. — Tipo assim, primeiro a casa, depois aquele homem do “nada de Gostosuras, apenas Travessuras”, e agora...? Eu nunca vi uma árvore como esta antes em toda minha vida. Como uma árvore de Natal, só que maior, e com todas essas velas e abóboras. O que significa? O que comemorar?

— Comemora! — sussurrou uma poderosa voz vinda de algum lugar, talvez o urro de uma chaminé com fuligem, ou, quem sabe, todas as janelas da casa se abrindo como bocas ao mesmo tempo atrás dos garotos, abrindo e fechando, enunciando a palavra “Comemora!” com um sopro vindo da escuridão. — Sim — disse o sussurro poderoso, fazendo as velas estremecerem dentro das abóboras. — ... Comemoração...

Os garotos se viraram num pulo.

Mas a casa estava em silêncio. As janelas, fechadas e banhadas pelo luar.

— O último a chegar é mulher do padre! — gritou Tom de repente.

E um belo monte de folhas secas jazia no chão, esperando por eles como chamas antigas, como riquezas do passado.

E os garotos correram para mergulhar na grande e formosa pilha de tesouros outonais.

E, no momento do mergulho, quando estavam prestes a desaparecer por entre as folhas secas, gritando, berrando, empurrando, caindo, houve um respirar profundo, um ar que os fisgava. Os garotos gemeram e recuaram, como se um chicote invisível os tivesse acertado.

Pois, do monte de folhas, erguia-se, por conta própria, uma branca mão de ossos.

E, logo atrás, aos sorrisos, antes escondida, mas agora visível, ergueu-se uma branca caveira.

E o que antes havia sido uma deliciosa piscina de folhas secas de carvalho e olmo e choupo para brincar e mergulhar e se esconder passou a ser o último lugar do mundo onde os garotos queriam estar. Pois a branca mão de ossos voava pelo ar. E a branca caveira se elevou e pairou diante deles.

E os garotos caíram para trás, se escarrando, ofegando apavorados, até que, como uma massa desordenada, caíram no chão e se contorceram e arrancaram folhas do gramado, lutando para se liber-

tar, tentando correr.

— Socorro! — gritaram.

— Oh, sim, peçam socorro — disse a Caveira.

Então, várias gargalhadas terríveis os deixaram estáticos, enquanto a mão flutuante e esquelética se erguia até o rosto branco da caveira, pegando-o e... despindo-o!

Os garotos piscaram uma vez por trás das máscaras. Ficaram boquiabertos, apesar de ninguém conseguir vê-los abrindo a boca.

O grande homem de roupas escuras se ergueu das folhas, alto e cada vez maior, crescendo como uma árvore. Seus braços eram como galhos. Ele ficou diante da Árvore de Halloween, com os braços estendidos e os longos dedos ossudos e brancos enfeitados com globos de fogo laranja e sorriso flamejantes. Seus olhos se apertavam enquanto ele gargalhava, abrindo bem a boca para deixar o vento outonal passar.

— Não, nada de Gostosuras, garotos. Nada de Gostosuras! Travessuras, garotos. *Travessuras!*

Eles ficaram ali aguardando o terremoto que viria. E ele veio. A gargalhada do gigantesco homem percorreu o terreno e lhe deu uma chacoalhada. O tremor passou pelos ossos dos garotos e saiu pelas suas bocas. E saiu na forma de mais gargalhadas!

Eles se sentaram em meio às ruínas da pilha de folhas, surpresos. Colocaram as mãos sobre as máscaras para sentir o ar quente expelido em pequenos sopros de risadas.

Então, ergueram o olhar para o homem, como se quisessem confirmar tal surpresa.

— Sim, garotos, isso, isso foi uma Travessura! Vocês esqueceram? Não, vocês nunca *souberam*.

E se apoiou na árvore, terminando seus ataques de alegria, chacoalhando o tronco, fazendo as milhares de abóboras sacudirem e as chamas dançarem e emitirem fumaça.

Aquecidos pelas próprias risadas, os garotos se levantaram e passaram a mão pelo corpo para verificar se estavam inteiros. Nenhum osso quebrado. Permaneceram juntos sob a Árvore do Halloween, esperando, pois sabiam que aquele era apenas o começo de algo novo e especial e grandioso e admirável.

— Bem — disse Tom Skelton.

— Bem, Tom — disse o homem.

— Tom? — exclamaram todos os outros. — É *você?*

Tom, sob a máscara de Esqueleto, endureceu.

— Ou seria Bob ou Fred, não, não, deve ser Ralph — falou o homem, depressa.

— Todos esses! — suspirou Tom, ajeitando a máscara, aliviado.

— Sim, todos! — exclamaram os outros.

O homem acenou com a cabeça, sorrindo.

— Bem! Agora vocês sabem algo sobre o Halloween que antes não sabiam. Gostaram da minha Travessura?

— Travessura, sim, uma travessura. — Os garotos estavam inflamados com a ideia. Fez com que toda a bondade se desprendesse de suas juntas e que uma pitada de pó pecaminoso fosse salpicado em seu sangue. Eles sentiram aquilo os envolver até seus olhos brilharem e seus lábios se arreganharem, exibindo dentes de cão contente. — Sim, é claro.

— Isso é o que *you* costuma fazer no Halloween? — perguntou a Bruxa.

— Isso, e muito mais. Porém, permitam que eu me apresente! Montarlha é meu nome. Carapaça Clavícula Montarlha. Não é sonoro, garotos? *Soa* bem para vocês?

Sim, soa sim, pensavam os garotos, ah, e como *soa*...!

Montarlha.

— Um bom nome — disse o sr. Montarlha, num tom completamente sepulcral de igreja à meia-noite. — É uma noite agradável. E toda a profunda e sombria história do Halloween aguardando para nos engolir inteiros!

— Nos engolir?

— Sim! — exclamou Montalha. — Meus jovens, olhem para vocês. Por que você, garoto, está vestindo essa máscara de Caveira? E você, menino, carregando uma foice, e você, rapaz, fantasiado de Bruxa? E você, você, você! — Com o dedo ossudo, ele cutucou cada máscara. — Vocês não sabem, não é? Apenas colocaram essas máscaras e vestiram roupas velhas e partiram para a rua, mas vocês não sabem *de verdade*, sabem?

— Bem — começou Tom, tímido por baixo da máscara de caveira. — Hã... não.

— É mesmo — disse o garoto Demônio. — Por que *estou* vestindo esta fantasia? — E apontou para a capa vermelha, para os afiados chifres de borracha e para o belo tridente.

— E eu, isto? — perguntou o Fantasma, arrastando o longo lençol sepulcral.

E todos os garotos começaram a pensar, e tocaram as próprias

fantasias e reajustaram as máscaras.

— Então, não seria divertido descobrir a verdade? — perguntou o sr. Montarlha. — Eu contarei a vocês! Ou melhor: eu *mostrarei* a vocês! Se tivermos tempo...

— São apenas seis e meia. O Halloween nem começou ainda! — informou Tom em seus ossos gelados.

— Verdade! — concordou o sr. Montarlha. — Muito bem, meus caros jovens, *vamos nessa!*

Ele avançava. Eles corriam.

À beira da escuridão da ravina, ele apontou para além das terras e das colinas, longe da luz da lua, sob o brilho de estrelas desconhecidas. O vento agitou a capa e o capuz que antes cobria e agora revelava parte de seu rosto quase descarnado.

— É lá. Vocês veem, rapazes?

— O quê?

— A Zona Desconhecida. Bem ali. Olhem bem, observem com atenção, banqueteiem-se. O Passado, garotos, o Passado. Ah, está escuro, sim, e cheio de pesadelos. Tudo o que o Halloween já foi um dia jaz enterrado lá. Vocês cavarão em busca de ossos, garotos? Vocês têm *o que é preciso*?

Pousou o olhar quente sobre eles. E continuou:

— O que é o Halloween? Como começou? Onde? Por quê? Para quê? Bruxas, gatos, múmias empoeiradas, assombrações. Isso tudo está lá naquela terra de onde ninguém jamais retorna. Vocês mergulharão no mar sombrio, garotos? Voarão pelo céu escuro?

Os garotos engoliram em seco. Alguém se aventurou:

— Nós gostaríamos, mas... Pipkin. Temos de esperar por Pipkin.

— Sim, foi Pipkin que nos mandou para sua casa. Não poderíamos ir sem *ele*.

Como se houvesse sido invocado, escutou-se naquele momento um grito vindo da ravina, ao longe.

— Ei! Aqui *estou!* — chamou uma voz cansada. Eles avistaram a pequena figura parada segurando uma abóbora acesa na borda distante da ravina.

— Por aqui! — gritaram todos. — Pipkin! Depressa!

— Estou indo! — gritou ele. — Eu não me sinto muito bem. Mas... Eu tinha de vir... Esperem por mim!

Capítulo 6



Eles viram a pequena figura de Pipkin descendo pela ravina.

— Ah, esperem, por favor, esperem! — Sua voz começou a falhar. — Não me sinto bem. Não consigo correr. Não consigo... Não consigo.

— Pipkin! — gritaram todos, acenando à beira do penhasco.

A figura de Pipkin era pequena, pequena, pequena. Sombras se mesclavam ao redor dele. Morcegos voavam. Corujas crocitavam. Corvos noturnos se agrupavam como folhas negras nas árvores.

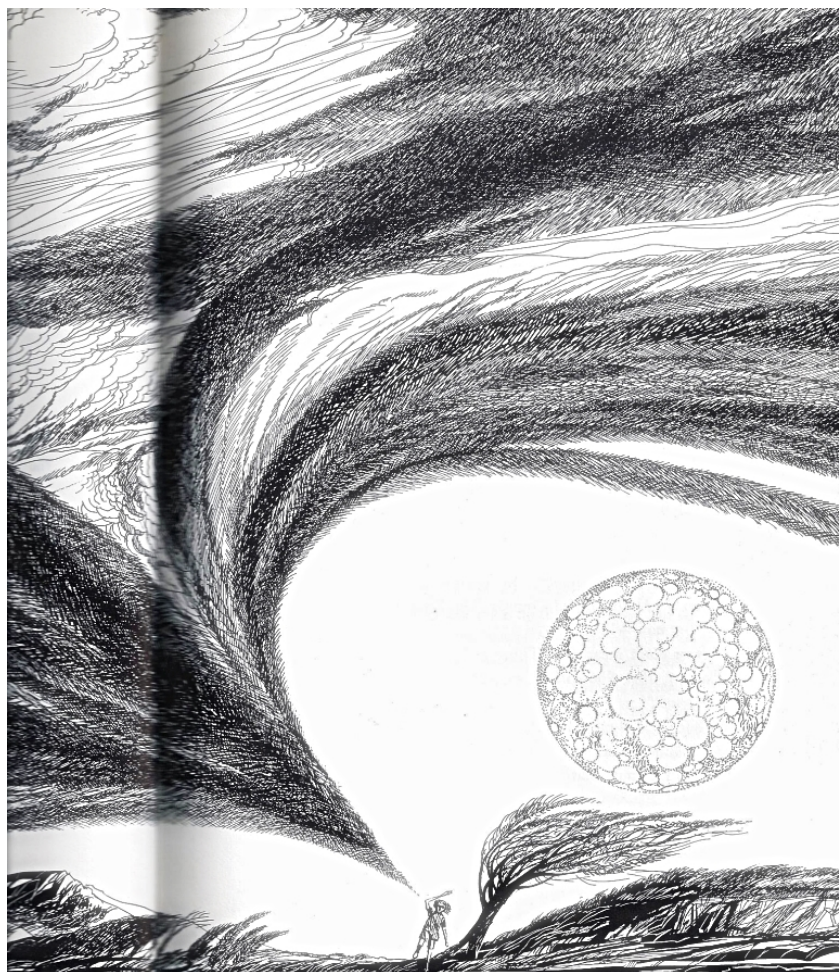
O garotinho, correndo com a abóbora acesa, caiu.

— Oh! — arfou Montarlha.

A abóbora iluminada se apagou.

— Oh! — arfaram todos. — Acenda sua abóbora, Pip! Acenda! — berrou Tom.

Ele pensou ter visto a pequena figura arrastando-se lá embaixo no gramado escuro, tentando acender um fósforo. Mas, naquele momento de escuridão, a noite o levou. Uma grande asa envolveu o abismo. Muitas corujas piavam. Muitos ratos deslizavam e fugiam pelas sombras. Um milhão de pequenos assassinatos ocorriam em algum lugar.



— Acenda a abóbora, Pip!

— Socorro! — suplicou a voz tristonha.

Milhares de asas voaram. Em algum lugar, um grande animal socava o ar, como se tocasse um tambor.

As nuvens diáfanas eram varridas para limpar o céu. Lá estava a lua, como um enorme olho.

E ela olhou para baixo em direção a...

Um caminho vazio.

Pipkin não estava em parte alguma que pudessem ver.

Ao longe, em direção ao horizonte, algo escuro e misterioso se fragmentava enquanto partia dançando e deslizando pelo frio ar estrelado.

— Socorro... Socorro... — choramingava uma voz, esvaindo-se. E, então, se foi.

— Oh! — lamentou o sr. Montarlha. — Isso é ruim. Eu sinto que alguma coisa o levou embora.

— Embora pra-pra onde? — gaguejavam os garotos, com calafrios.

— Para a Zona Desconhecida. O lugar que eu queria mostrar para vocês. Mas agora...

— Você não está dizendo que aquela Coisa na ravina, Algo, ou Alguém, ou seja lá o que for, era... a Morte? Ela agarrou Pipkin à força e... *fugiu*?!

— Pegou emprestado é o mais correto, talvez para pedir um resgate — esclareceu Montarlha.

— A Morte pode fazer isso?

— Às vezes, sim.

— Ai, meu Deus. — Tom sentiu os olhos lacrimejarem. — Pip, esta noite, correndo tão devagar, tão pálido. Pip, você não deveria ter vindo! — gritou ele para o céu, mas lá havia apenas brisa e nuvens brancas flutuando como antigos espíritos rejeitados, e um límpido rio de vento.

Ficaram ali, trêmulos, gelados. Olharam para o local de onde a Coisa Sombria havia levado o amigo.

— Então — disse Montarlha —, temos ainda mais motivos para prosseguir, garotos. Se voarmos rápido, talvez possamos alcançar Pipkin. Resgatar seu doce espírito de Halloween. Trazê-lo de volta, colocá-lo na cama, aquecê-lo bem, ajudá-lo a recuperar o fôlego. O que me dizem, rapazes? Será que resolverão dois mistérios de uma vez só? Procurar e salvar o amigo perdido e descobrir o segredo do Halloween, tudo de uma sombria e perigosa vez?

Pensaram no Dia das Bruxas e nos bilhões de fantasmas que vagavam pelas velas solitárias sob os ventos congelantes e névoas sinistras.

Pensaram em Pipkin, não mais do que um fiapo de menino, e no deleite do puro verão, arrancado como um dente e levado numa maré negra de teias e chifres e fuligem.

E, quase em uníssono, responderam:

— Vamos.

Montarlha saltou. Correu. Socou o ar, abriu caminho, foi ao delírio.

— Depressa, agora, por aqui. Sigamos esta ladeira, percorra-

mos esta estrada! A fazenda abandonada! Através da cerca!

Eles pularam a cerca e pararam em um celeiro coberto de gelo, com antigos cartazes de circos, pôsteres esfarrapados pelo vento, colados ali trinta, quarenta, cinquenta anos atrás. Circos que, ao passar, deixaram remendos e amostras de si mesmos, formando nas paredes uma crosta de vinte centímetros.

— Uma pipa, garotos. Façam uma pipa. Rápido!

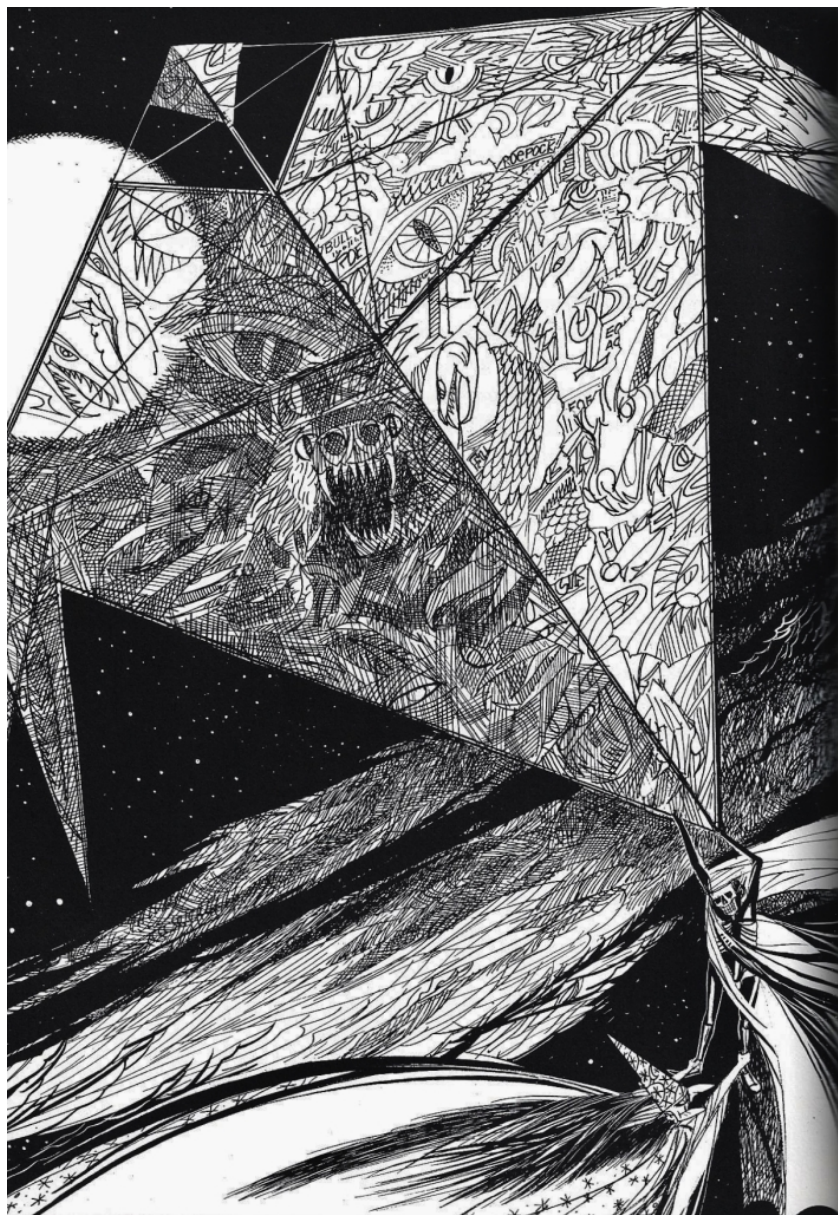
Capítulo 7



Mal disse isso e o sr. Montarlha rasgou um bom pedaço de papel do lado do celeiro! Agitou em suas mãos: o olho de um tigre! Outro pedaço rasgado de outro pôster antigo e... a bocarra de um leão!

Os garotos escutaram rugidos da África no vento.

Eles piscaram. Correram. Arranharam com as unhas. Puxaram com as mãos. Apanharam faixas e tiras e grandes pedaços de carne animal, dentes caninos, olhos perfurantes, costelas feridas, garras cobertas de sangue, caudas, saltos e pulos e rugidos. Toda a lateral do celeiro constituía uma parede antiga, morta e estática. Eles rasgaram os pôsteres em partes. E, com cada parte que arrancavam, vinham garras, línguas ou olhos felinos vorazes. Abaixo de cada camada, outra aguardava, repleta de pesadelos selvagens, encontros deleitosos com ursos polares, zebras apavoradas, grupos de leões orgulhosos, rinocerontes prontos para o ataque e gorilas escaladores que alcançaram o topo da meia-noite e balançaram em direção ao alvorecer. Milhares de animais reunidos retumbando para serem libertados. E, com os punhos e mãos e dedos livres, assoviando pelo vento outonal, os garotos corriam pelo gramado.



Naquele momento, Montarlha derrubou as vigas velhas da cerca e montou uma rudimentar armação de pipa e a amarrou com um arame e, então, se afastou para receber a oferta dos papéis de pipa que os meninos lançavam aos punhados.

Os papéis eram jogados na posição certa da armação e, faiscan-

tes, eram fundidos com o calor de suas mãos.

— Ei! — exclamaram os meninos com alegria. — Uau, vejam!

Eles nunca tinham visto algo parecido, ou conhecido alguém como Montarlha que, com um simples toque, pegada ou pressão, podia fundir um olho com um dente, um dente com uma boca, uma boca com uma cauda felina de lince. Tudo, tudo aquilo formando maravilhosamente bem uma unidade, como um grande quebra-cabeça selvagem preso, colado e amarrado, crescendo, crescendo, adquirindo cor e som e textura sob a luz da lua ascendente. Outro olho cruel surgia. E, depois, mais um estômago faminto. Um chimpanzé louco. Um babuíno enfurecido. O grasnado de um pássaro carniceiro! Os meninos se apressaram para entregar os últimos papéis e a pipa estava pronta, a massa de carne antiga esticada, fundida pelas mãos quentes que ainda ardiam e soltavam uma fumaça azulada. O sr. Montarlha acendeu um cigarro com a última partícula da chama que brilhava em seu dedão e sorriu. E a luz daquele sorriso mostrou-lhes a Pipa como realmente era: uma pipa de destruição, de animais tão medonhos e ferozes que seus ruídos inundavam o vento e desfiguravam o coração.

Ele ficou satisfeito. Os meninos também.

A Pipa, de alguma forma, tinha a aparência de um...

— Ora, vejam — exclamou Tom impressionado. — É um pterodátilo!

— Um *o quê?*!

— Um pterodátilo, um daqueles antigos répteis voadores, que desapareceram há alguns bilhões de anos e nunca mais foram vistos de novo — explicou o sr. Montarlha. — Bem observado, garoto. Parece e é um pterodátilo, e nos levará com o vento para a Perdição ou para o Fim da Terra ou para outro lugar de nome sonoro. Mas, agora, corda, barbante, linha, rápido! Recolham e tragam!

Eles retiraram uma corda de varal velho amarrado entre o celeiro e a fazenda abandonada. Conseguiram cerca de trinta metros ou mais de corda e a levaram ao sr. Montarlha, que a enrolou em seu punho até que soltasse uma fumaça profana. Amarrou a corda no meio da enorme Pipa, que oscilava de um lado para o outro como uma arraia perdida e fora d'água naquela estranha praia. Lutava com o vento para sobreviver. Oscilava e debatia-se nas elevações das marés dos ventos, caindo na grama.

Montarlha recuou, sacudiu a mão, e vejam! A Pipa... voou!

Ela pairou baixo pelo ar, presa à linha de varal, sustentada por

um vento errante e violento, mudando de direção, lançando-se para todos os lados e, de repente, subindo mais, enfrentando-os com uma muralha de olhos, uma sólida carne incrustada com dentes e uma tempestade de urros.

— Não vai subir, nem vai voar direito! Uma rabiola, precisamos de uma rabiola!

E, já por instinto, Tom mergulhou e agarrou a Pipa por baixo. Pendurou-se nela. E a Pipa se firmou, e começou a subir.

— Isso! — exclamou o homem sombrio. — Oh, rapaz, você é demais. Garoto brilhante! Você será a rabiola! E mais, e mais!

E, enquanto a Pipa subia lentamente no ligeiro rio de ar congelante, cada menino por vez agarrava-a com obstinação, estimulado pela esperteza de Tom, aumentando cada vez mais a rabiola. Primeiro, Henry-Hank, fantasiado de Bruxa, segurou nos tornozelos de Tom, e a Pipa passou a contar com dois garotos formando a magnífica rabiola!

E Ralph Bengstrum, com a fantasia de Múmia, tropeçando nas faixas e encoberto por trapos, bamboleou para a frente, pulou e agarrou o tornozelo de Henry-Hank.

E, naquele momento, havia três meninos na Rabiola!

— Esperem! Lá vou eu! — anunciou o Mendigo, que, por baixo das roupas sujas e rasgadas, era, na verdade, Fred Fryer.

Ele saltou e se agarrou.

A Pipa subia. Os quatro garotos que formavam a rabiola clamavam para que aumentassem mais o comprimento!

Foram atendidos quando o menino fantasiado de Homem das Cavernas estendeu as mãos e agarrou os tornozelos do amigo, seguindo imediatamente pelo garoto fantasiado de Morte com uma Foice que era perigosamente parecida com uma de verdade.

— Cuidado com a foice!

A foice caiu e pousou sobre a grama, como um sorriso perdido.

Mas os dois garotos penduravam-se por todos aqueles tornozelos, e a Pipa subia e subia cada vez mais a cada garoto que se pendurava, e mais um e mais outro, até que, aos gritos e aos berros, oito meninos pendiam formando uma magnífica e serpenteante rabiola, sendo os últimos dois o Fantasma, que, na verdade, era George Smith, e Wally Babb, que, inspirado, se vestira como uma Gárgula caída do telhado de uma catedral.

Os meninos gritavam com entusiasmo. A Pipa desceu e... decolou!

— Uhu!

Uooch! A Pipa rugia com milhares de sussurros de animais.

Uanng! A corda da Pipa desafiava o vento.

Psssiu! Disse a coisa toda.

E o vento os levou para o alto, atravessando as estrelas.

E deixou Montarlha olhando para o alto, com reverência, para sua criação, sua pipa, seus garotos.

— Esperem! — gritou ele.

— Não espere, venha logo! — responderam os meninos.

Montarlha correu pelo gramado para pegar a foice. Sua capa se agitava com o vento, formando asas, até que ele também, sem esforço, saiu do chão e alçou voo.

Capítulo 8



A Pipa voava.

Os garotos pendurados na Pipa como uma grande cauda de lã, ora contorcendo-se, ora girando, ora parando, ora deslizando.

Berravam de alegria. Soltavam gritos agudos e ofegantes de terror. Passaram pela lua como um ponto de exclamação. Planaram por cima de montes e campinas e fazendas. Viram-se refletidos em rios, riachos, córregos iluminados pelo luar. Roçaram em antigas árvores. O vento que agitaram ao passar derrubou moedas, folhas, formando uma chuva brilhante em direção ao gramado negro. Voavam sobre a cidade e pensavam...

Oh, olhem para cima! Vejam! Estamos aqui! Seus filhos!

E pensavam: Oh, olhem para baixo, em algum lugar lá embaixo estão nossas mães, pais, irmãos, irmãs, professores! Ei, estamos aqui! Oh, alguém olhe para a gente aqui! Ou vocês nunca vão *acreditar*!

E, num último mergulho, a Pipa assoviou, sussurrou, bateu junto ao vento em direção à velha casa e à Árvore do Halloween, onde haviam conhecido Montarlha!

Saracotear, esvoaçar, deslizar, acelerar, assoviar!

A sucção de seus corpos oscilantes fez com que as mil velas agitassem, piscassem, estalassem suas chamas, silvando com o desejo de se reacender, pois todas as abóboras penduradas com suas caras feias e olhares maliciosos e sorrisos macabros estavam meio apagadas em sombras infelizes. A Árvore inteira morreu por uma fração de segundo. E, então, à medida que a Pipa se erguia mais alto... a Árvore resplandeceu com milhares de novas faces entalhadas: novos

olhares, novas caretas, novos sorrisos!

As janelas da casa, espelhos negros, observaram a Pipa se afastando, se afastando, até que os garotos, a Pipa e o sr. Montarlha se tornassem pequeninos pontos no horizonte.

E, então, desceram e planaram para as profundezas da Zona Desconhecida da Morte Remota e dos Períodos Misteriosos do Passado Sinistro...

— Para onde estamos indo? — gritou Tom, segurando firme na rabiola.

— Sim, para onde, para onde? — gritaram todos os garotos, um após o outro, mais abaixo, mais abaixo.

— Não para onde, mas para quando! — respondeu Montarlha, acompanhando os garotos com seu grande manto velado, preenchido com ventos lunares e muitas eras. — Dois mil anos antes de Cristo, podem contar! Pipkin está lá, esperando! Posso sentir isso! Voem!

Então a lua começou a piscar. Ela fechava o olho e só havia escuridão. Então, mais e mais rápido, começou a cintilar, a crescer, a encolher, a crescer de novo. Até que a lua acendeu mil vezes e, cada vez que acendia, transformava toda a paisagem abaixo. E, então, por cinquenta mil vezes, com tanta rapidez que ninguém conseguia acompanhar, ela se apagava e reluzia em seguida.

E a lua parou de piscar e se aquietou.

E a terra havia mudado.

— Vejam — disse Montarlha, pairando no ar sobre os garotos.

E os olhos de um milhão de tigres e leões e leopardos e panteiras da Pipa outonal olharam para baixo, assim como os garotos.

E o sol se ergueu para lhes mostrar...

O Egito. O Rio Nilo. A Esfinge. As Pirâmides.

— Mas — começou Montarlha — será que vocês não notaram nada... diferente?

— Ora — arfou Tom. — Tudo parece novo. Acabou de ser construído. Isso significa que realmente *voltamos* quatro mil anos no Tempo!

E, com certeza, o Egito que estava abaixo deles continha areias antigas, porém pedras novas e recém-cortadas. A Esfinge, com as grandes patas de leão pisando sobre o tecido dourado do deserto, estava bem definida e recém-nascida do útero das montanhas de pedra. Era um filhote colossais no resplendor brilhante e vazio do meio-dia. Se o sol caísse e repousasse entre suas patas, seria como

sua bola de fogo de brinquedo.

E as Pirâmides? Ora, elas se posicionavam como blocos de formato estranho, um quebra-cabeça a ser montado pela Esfinge metade mulher, metade leão.

A Pipa zuniu para baixo e ultrapassou as dunas de areia, arremessando-se por cima de uma pirâmide, e foi puxada, sugada, por uma tumba em forma de boca aberta numa pequena rocha.

— Ei, *Presto!* — exclamou Montarlha.

Com um golpe ele deu um coice na Pipa que fez os garotos balançarem como o badalo de sinos clamorosos.

— Ai, não! — gritaram eles.

A Pipa estremeceu, baixou, pairou dez metros acima das dunas e sacudiu-se como um cão selvagem querendo se livrar das pulgas.

Os garotos caíram em segurança na areia dourada.

A Pipa se desfez em milhares de pedaços e tiras de olhos, presas, garras, urros, berros de elefantes. A boca egípcia os sugou, junto com Montarlha, que ria de tudo.

— Sr. Montarlha, espere!

Num pulo, os garotos correram para gritar na entrada sombria da tumba. Então, ergueram os olhos e viram onde estavam.

O Vale dos Reis, onde grandes deuses de pedra se agigantavam acima de suas cabeças. Uma poeira fina escorria dos olhos dos gigantes como uma estranha torrente de lágrimas; lágrimas feitas de areia e pedra em pó.

Os garotos se embrenharam nas sombras. Como o fundo de um rio seco, os corredores conduziam até as profundas catacumbas onde repousavam os mortos mumificados. Fontes de poeira ecoavam e tocavam em um pátio desconhecido mil metros abaixo. Os meninos estavam apreensivos, escutando. A tumba exalava um bafo de páprica, canela e estrume de camelo. Em algum lugar, uma múmia sonhava, tossindo durante o sono, desatando as ataduras, agitando a língua empoeirada e se virando para mais uma soneca de mil anos.

— Sr. Montarlha? — chamou Tom Skelton.

Capítulo 9



E, da profundidade das terras secas, uma voz perdida sussurrou:

— Monta...rrrrr...lha.

Na escuridão, algo rolou, avançou, golpeou.

Uma longa faixa de múmia se desenrolou para a luz do sol.

Era como se a própria tumba tivesse posto para fora a velha língua ressecada que repousava aos pés dos garotos.

Eles arregalaram os olhos. A faixa de linho tinha centenas de metros de comprimento e poderia, se eles quisessem, conduzi-los para baixo, para as entranhas misteriosas das terras egípcias.

Tom Skelton, trêmulo, esticou um dedo para tocar a faixa de linho amarelada. Um vento soprou das tumbas, dizendo: “Sssssiiiiim...”

— Lá vou eu — disse Tom.

E, equilibrando-se na corda bamba da faixa, ele desceu e desapareceu rumo à escuridão sob as câmaras de sepultamento.

— Sssssiiiiim! — sussurrou o vento que se erguia lá de baixo. — Todos vocês. Venham. Venham todos. Mais um. E o próximo. E outro e mais outro. Depressa.

Os garotos se apressaram para seguir o caminho da faixa de linho na escuridão.

— Fiquem atentos aos assassinatos, garotos! Assassinatos!

Os pilares que cercavam os garotos apressados relampejaram para a vida. As pinturas estremeceram e se moveram.

O sol dourado aparecia em todos os pilares.

Mas era um sol com braços e pernas, atado com fitas de múmia.

— Assassinatos!

Uma criatura sombria atingiu o sol com um terrível golpe.

O sol morreu. Seu fogo se extinguiu.

Os garotos corriam às cegas pela escuridão.

Sim, pensou Tom, correndo. É claro, quero dizer, eu acho, todas as noites o sol morre. Vai dormir, e me pergunto se retornará. Será que continuará morto amanhã de manhã?

Os garotos corriam. Em novos pilares bem adiante, o sol apareceu novamente, surgindo de um eclipse.

Ótimo!, pensou Tom. É isso! O amanhecer!

Mas, logo em seguida, o sol morreu novamente. Em cada pilar pelo qual passavam correndo, o sol morria no outono e era sepultado no inverno gelado.

Meado de dezembro, pensou Tom. Eu costumo pensar: o sol nunca mais vai voltar! O inverno vai durar para sempre! Desta vez, o sol morreu de verdade!

Mas, enquanto os garotos diminuía a velocidade ao fim do longo corredor, o sol renasceu. A primavera chegou com trombetas de ouro. O corredor se encheu de luz de puro fogo.

O estranho Deus continuou queimando em todas as paredes, enrolado em fitas douradas; em seu rosto brilhava uma grande chama de triunfo.

— Ora, bolas! Mas eu sei quem é *este*! — exclamou Henry-Hank. — Eu o vi uma vez em um filme com terríveis múmias egípcias.

— Osíris! — completou Tom.

— Sssssiiiiim... — sibilou a voz de Montarlha vinda das profundezas das catacumbas. — Lição Número Um sobre o Halloween. Osíris, filho da Terra e do Céu, é morto todas as noites por seu irmão Escuridão. Osíris é morto pelo Outono, assassinado por seu próprio sangue noturno. É dessa forma em todos os lugares. Cada região tem o seu festival da morte relacionado às estações do ano. Caveiras e ossos, garotos, esqueletos e fantasmas. Vejam, rapazes, no Egito, a morte de Osíris, Rei dos Mortos. Podem contemplar.

Os garotos contemplaram.

Pois haviam chegado a um grande buraco na caverna subterrânea, e, através daquele buraco, podiam observar um vilarejo egípcio, onde, ao pôr do sol, alimentos eram colocados em pratos de cerâmica e cobre nas portas e umbrais.

— Para os fantasmassssss que retornam ao lar — sussurrou Montarlha em algum lugar nas sombras.

Fileiras de lampiões a óleo eram presas nas entradas das casas

e a leve fumaça emanada delas se erguia no ar do crepúsculo como espíritos errantes.

Era quase possível ver as assombrações se movendo pelas ruas pavimentadas.

As sombras se desviavam do sol perdido no oeste e tentavam adentrar as casas.

Mas a refeição quente, soltando vapor nas varandas, mantinha as sombras circulando e se movendo.

Um fraco cheiro de incenso e pó de múmia flutuava ao redor dos garotos, que observavam aquele antigo Halloween, no qual as “travessuras” eram feitas não por crianças errantes, mas por fantasmas andarilhos.

— Olha — sussurraram todos os garotos.

— Não se percam na escuridão — cantavam vozes vindas das casas, ao som de harpas e alaúdes. — Caros falecidos, venham para casa e sejam bem-vindos. Perdidos na escuridão, mas sempre queridos. Não vagueiem, não perambulem, não se detenham. Entes queridos, venham para casa, venham.

A fumaça que saía dos fracos lampiões se ondulava.

E as sombras subiam até as varandas e, muito delicadamente, tocavam nas oferendas de comida.

E, numa casa, viram um velho avô mumificado sendo retirado do armário e colocado no lugar de honra à cabeceira da mesa, com a refeição diante de si. E os membros da família sentaram-se para o jantar e ergueram os copos e beberam em honra ao falecido que se sentava com eles, em um seco e empoeirado silêncio...

Capítulo 10



— Rápido, agora. Venham me encontrar!

A voz de Montarlha, rindo, os chamava.

— Venham por aqui! Não, por aqui! Aqui!

Eles corriam ao longo da faixa estreita da múmia, mergulhando cada vez mais fundo na terra.

— Sim. Aqui estou eu.

Eles viraram numa curva e pararam, pois a longa faixa de linho seguia pelo chão até o outro lado do túmulo e subia por uma parede para envolver os pés de uma múmia antiga e marrom que estava apoiada em um nicho de vela.

— S-s-será — gaguejou Ralph Bengstrum, fantasiado de múmia —, s-s-será que é uma múmia *de verdade*?

— Sim. — Uma nuvem de poeira saiu por sob a máscara dourada que cobria o rosto da múmia. — De verdade.

— Sr. Montarlha! É *você*!

A máscara dourada caiu no chão, ressoando como um sino.

Onde a máscara estivera, havia um rosto de múmia, uma poça de lama marrom, erodida pelos raios do sol. Um olho estava fechado com teia de aranha. Do outro, escorriam lágrimas de pó e um brilho de vidro azul-cintilante.

— Algum garoto essssstá fantasiado de múmia? — perguntou uma voz abafada vinda de baixo da mortalha.

— Ora, eu estou, senhor! — exclamou Ralph, exibindo os braços, as pernas, o tronco, as ataduras hospitalares que ele levava a tarde inteira para enrolar no corpo todo, mumificando-se.

— Ótimo — suspirou Montarlha. — Agarre a faixa de linho. Puxe!

Ralph se abaixou, pegou a faixa antiga da múmia e a puxou com força!

A faixa desenrolou-se, dando voltas e voltas, para revelar o grande nariz adunco de réptil e o queixo escamoso e o sorriso seco na boca poeirenta de Montarlha. Seus braços cruzados se libertaram.

— Obrigado, rapaz! Livre! Não é nada divertido ficar preso assim como um antigo presente nefasto para a Terra dos Mortos. Mas... silêncio! Rápido, garotos, subam nesses nichos e fiquem parados. Alguém se aproxima. Finjam que são múmias! Finjam que estão *mortos*!

Os garotos pularam e ficaram de pé, os braços cruzados, os olhos fechados, a respiração presa, como esculturas de pequenas múmias talhadas na rocha antiga.

— Fiquem calmos — sussurrou Montarlha. — Aí vem...

Um cortejo fúnebre.

Um exército de lamentadores, vestidos com seda macia e dourada, segurando nas mãos pequenos navios de brinquedo e potes de cobre contendo alimentos.

E, no meio deles, um sarcófago era carregado enquanto a luz do sol brilhava nos ombros dos seis homens. E, atrás do grupo, uma múmia recém-embalsamada, com pinturas frescas nas vestimentas de linho e uma pequena máscara de ouro cobrindo seu rosto.

— Vejam a comida, garotos, e os brinquedos — sussurrou Montarlha. — Eles colocam brinquedos nos túmulos, rapazes. Para que os deuses venham brincar, se divertir, fazer bagunça e deixar as crianças felizes na Terra dos Mortos. Vejam os barcos, pipas, corda de pular, facas de mentira...

— Mas olhem o tamanho daquela múmia — disse Ralph, dentro de suas bandagens quentes de linho. — É um garoto de 12 anos que está ali dentro! Como eu! E a máscara de ouro no rosto da múmia... ela não parece familiar?

— Pipkin! — exclamaram todos, com voz rouca.

— Shhhh! — advertiu Montarlha.

O funeral parara e os sumos sacerdotes estavam ali olhando ao redor das sombras bruxuleantes.

Os garotos, cada qual em seu nicho elevado, fecharam os olhos com força e prenderam a respiração.

— Nem um pio — disse Montarlha, um mosquito zumbindo no ouvido de Tom. — Nem um sussurro.

A harpa começou novamente.

E a cerimônia seguiu adiante.

E, no meio de todo o ouro e brinquedos e pipas dos mortos, havia a pequena múmia de 12 anos com uma máscara dourada que parecia idêntica a...

Pipkin.

Não, não, não, não, não!, pensou Tom.

— Sim! — exclamou uma vozinha de rato, fina, perdida, abafada, presa, feroz. — *Sou eu! Estou aqui! Embaixo da máscara. Embaixo das bandagens. Não consigo me mexer! Nem gritar! Nem me libertar!*

Pipkin!, pensou Tom. *Espere!*

— *Não consigo evitar! Estou preso!* — gritou a voz chorosa e baixinha, abafada por camadas de linho. — *Sigam-me e me encontrem! Vocês vão me achar em...*

A voz sumiu, pois o cortejo acabara de virar num canto do labirinto escuro e desaparecer.

— Seguir você até onde, Pipkin? — Tom Skelton saltou do nicho em que estava e gritou na escuridão. — Encontrá-lo *onde?*

Naquele exato momento, porém, Montarlha, como uma árvore derrubada, tombou do seu nicho. *Bang!* Atingiu o chão.

— Espere! — alertou ele, olhando para Tom com um olho que parecia uma aranha presa na própria teia. — Vamos salvar o velho Pipkin. Com astúcia. Escorregadios e rastejantes. Vamos, garotos. Ssst.

Eles o ajudaram a se levantar e retiraram o restante das faixas de múmia e caminharam na ponta dos pés pelo corredor e viraram numa curva.

— Meu Deus — sussurrou Tom. — Olhem. Eles estão colocando Pipkin dentro do caixão e o caixão dentro do... do...

— Sarcófago — completou Montarlha. — Um caixão dentro de um caixão dentro de um caixão, rapazes. Cada um maior do que o outro, todos cobertos por hieróglifos, contando a história da vida dele...

— Da vida de *Pipkin?* — perguntaram todos.

— Ou de quem quer que Pipkin fosse nesta época, neste ano, quatro mil anos atrás.

— É — sussurrou Ralph. — Olhem para as figuras nas laterais do caixão. Pipkin com 1 ano de idade. Pipkin com 5. Pipkin com 10

anos e correndo a toda velocidade. Pipkin subindo numa macieira. Pipkin fingindo se afogar no lago. Pipkin devorando um pomar de pêssegos. Espere, o que é *aquilo*?!

Montarlha observou as atividades do funeral.

— Eles estão colocando artigos no túmulo para ele usar na Terra dos Mortos. Barcos. Pipas. Piões para girar. Frutas frescas para o caso de Pipkin acordar daqui a cem anos com fome.

— Claro que ele ficará com fome. Meu Deus, olhem, eles estão fechando o túmulo! — Montarlha teve de agarrar e segurar Tom, pois ele não parava de se debater de tanta agonia. — Pipkin ainda está lá, enterrado! Quando o salvaremos?

— Mais tarde. A Noite Longa é uma criança. Veremos Pipkin novamente, não tema. Então...

A porta da tumba foi cerrada.

Os garotos gritaram e berraram. No escuro, conseguiam ouvir o som da argamassa escorrendo e sendo lixada, preenchendo as últimas aberturas e rachaduras, enquanto as derradeiras pedras eram colocadas no lugar.

Os lamentadores se foram carregando as harpas silenciosas.

Ralph se levantou com sua fantasia de Múmia, surpreso, observando as últimas sombras partirem.

— É por isso que estou fantasiado de múmia? — Ele passou a mão pelas bandagens e tocou o rosto enrugado de barro. — É *isso* o que significa meu papel no Halloween?

— Isso mesmo, garoto, isso mesmo — murmurou Montarlha. — Ora, os egípcios fizeram construções para durarem. Eles se planejaram para dez mil anos. Túmulos, garotos, túmulos. Sepulturas. Múmias. Ossos. Morte, morte. A morte esteve no coração, no estômago, na luz, na alma e no corpo da vida deles. Tumbas e mais tumbas com passagens secretas para que ninguém pudesse encontrá-las, para que ladrões de túmulos não roubassem almas e brinquedos e ouro. Você é uma múmia, garoto, porque era assim que eles se vestiam para a Eternidade. Envolvidos em um casulo de faixas, eles esperavam surgir como lindas borboletas em algum mundo distante e amoroso. Conheça o seu casulo, garoto. Sinta os materiais estranhos.

— Ora — disse Ralph, a Múmia, piscando e olhando as paredes embaçadas cheias de hieróglifos. — *Todos* os dias eram Halloween para eles!

— Todos os dias! — exclamaram todos, admirados.

— Sim, todos os dias eram Halloween para eles também. — Montarlha apontou o dedo.

Os garotos viraram.

Um tipo de tempestade elétrica esverdeada começou a se formar na masmorra do túmulo. O chão estremeceu como num terremoto antigo. Em algum lugar, um vulcão se virou em seu sono, iluminando as paredes num só impulso flamejante.

E, nas paredes do outro lado, havia desenhos pré-históricos dos homens das cavernas, bem anteriores aos egípcios.

— Agora — disse Montarlha.

Um relâmpago caiu.

Tigres-dentes-de-sabre atacavam os homens das cavernas aos gritos. Poços de piche engoliam seus ossos. Eles afundavam, chorando.

— Espere. Vamos salvar alguns com fogo.

Montarlha piscou. Um relâmpago caiu para queimar as florestas. Um homem das cavernas, correndo, agarrou um galho em chamas e golpeou o maxilar do tigre. A fera rugiu e se afastou. O homem das cavernas, urrando de triunfo, jogou o galho flamejante em uma pilha de folhas de outono em sua caverna. Os outros homens se aproximaram e esticaram as mãos em frente ao fogo, rindo da noite, onde a fera de olhos amarelos aguardava com medo.

— Viram, garotos? — O rosto de Montarlha brilhava com o fogo. — Os dias de frio acabaram. Porque esse novo homem pensante e corajoso trouxe o verão para viver nas cavernas durante o inverno.

— Mas... — perguntou Tom — o que isso tem a ver com o Halloween?

— O quê? Ora, macacos me mordam! Tem tudo a ver. Quando você e seus amigos estão em perigo todos os dias, não há *tempo* para pensar na Morte, não é? Só tempo para correr. Mas, quando finalmente você para de correr...

Ele tocou as paredes. Os homens das cavernas paralisaram.

— ... aí então você tem tempo de pensar de onde veio, para onde vai. E o fogo ilumina o caminho, garotos. Fogo e relâmpagos. Estrelas matutinas para admirar. Fogo em sua caverna para protegê-lo. Apenas a noite, diante das fogueiras, o homem das cavernas tinha tempo de, por fim, pensar e se maravilhar. O sol morrera no céu. O inverno chegava como um grande monstro branco sacudindo o pelo, enterrando o homem. Será que algum dia a primavera volta-

ria ao mundo? Será que o sol renasceria no ano seguinte ou permaneceria morto? Os egípcios perguntavam isso. Os homens das cavernas se perguntavam isso um milhão de anos antes. Será que o sol vai se levantar amanhã de manhã?



— E foi *assim* que o Halloween começou?

— Com pensamentos profundos como esses durante as noites. E sempre, no centro de tudo, o fogo. O sol. O sol descendo no céu frio

para sempre. Como isso deve ter assustado os homens primitivos, não é? Aquela era a Grande Morte. E, se o sol se apagasse para todo o sempre, o que aconteceria *depois*?

“Então, no meio do outono, com tudo morrendo, os homens das cavernas se reviravam durante o sono, lembrando-se dos seus mortos do ano anterior. Fantasmas chamando-os em suas mentes. Memórias, é que os fantasmas são, mas os homens das cavernas não sabiam disso. Atrás de suas pálpebras, nas noites longas, a memória dos fantasmas chamava, acenava, dançava, e os homens das cavernas acordavam, jogavam galhos no fogo, estremeciam, choravam. Eles conseguiam afastar os lobos, mas não as memórias, não os fantasmas. Então, eles juntavam as mãos bem próximas ao peito, rezavam pela primavera, olhavam para o fogo, agradeciam aos deuses invisíveis pela colheita de frutas e nozes.

“Realmente, o Halloween! Um milhão de anos atrás, em uma caverna durante o outono, com fantasmas na cabeça e o sol perdido.”

A voz de Montarlha falhou.

Ele desatou mais um ou dois metros de linho de múmia, enrolou-os no braço de forma imponente e disse:

— Há mais para ser visto. Venham, garotos.

E eles saíram das catacumbas no crepúsculo de um dia antigo no Egito.

Uma grande pirâmide se erguia diante deles, aguardando.

— O último a chegar lá em cima — desafiou Montarlha — é mulher do padre!

E a mulher do padre foi Tom.

Capítulo 11



Arfando, chegaram ao topo da pirâmide, onde aguardava uma grande lente de cristal, um vidro transparente que rodopiava devagar ao vento sobre um tripé dourado, um olho gigantesco com o qual poderiam trazer terras distantes para perto.

A oeste, o sol, encoberto e agonizante sob as nuvens, parecia. Montarlha expôs sua alegria:

— Lá vai ele, garotos. O coração, a alma e a carne do Halloween. O Sol! Lá Osíris é morto uma vez mais. Lá perece Mitra, o fogo persa. Lá cai Apoio, toda a luz grega. Sol e chama, garotos. Vejam e pisquem. Virem aquele telescópio de cristal. Direcionem para baixo, para a costa mediterrânea, milhares de quilômetros à frente. Estão vendo as Ilhas Gregas?

— Claro — respondeu prontamente George Smith, vestido com uma pomposa e pálida fantasia de fantasma. — Cidades, ruas, casas. Pessoas pulando para fora das varandas para trazer comida!

— Sim — entusiasmou-se Montarlha. — Festival dos Mortos *deles: o Festim das Panelas*. Uma espécie de Gostosuras ou Travessuras antigo. Travessuras dos mortos, caso não os alimentem. Então, as gostosuras são deixadas em forma de excelentes banquetes à soleira das portas!

Bem longe, no doce crepúsculo, com o cheiro de carnes cozinhando no vapor, pratos eram distribuídos aos espíritos que cruzavam pela terra dos vivos. Mulheres e crianças das casas gregas iam e vinham com numerosas quantidades de provisões saborosas e temperadas.

Então, por todas as ilhas gregas, portas bateram. O grande estrondo ecoou pelos ventos sombrios.

— Os templos se fechando — explicou Montarlha. — Todos os lugares sagrados da Grécia serão duplamente trancados esta noite.

— Olhem! — Ralph, a Múmia, moveu a lente de cristal. A luz brilhou sobre as máscaras dos meninos. — Aquelas pessoas, por que estão pintando suas portas com melaço negro?

— Piche — corrigiu Montarlha. — Alcatrão negro para colar nos fantasmas, grudar neles bem rápido, para que *não possam* entrar nas casas.

— Por que — perguntou Tom — *nós* não pensamos nisso!?

A escuridão descia pela costa do Mediterrâneo. Das tumbas, como névoa, os espíritos vagavam pelas ruas cobertos de fuligem e plumagem negra ao serem pegos pelo alcatrão que manchava as entradas das casas. O vento se lamentava, como se revelasse a angústia dos mortos que caíram na armadilha.

— Agora, Itália. Roma. — Montarlha ajustou a lente para ver os cemitérios romanos onde as pessoas colocavam comida sobre os túmulos e se apressavam para ir embora.

O vento agitou a capa de Montarlha e abriu sua boca:

*“Oh, vento outonal, queime e esfume
E leve o mundo rumo ao negrume,
Sobre e me pegue e faça de mim...
Da Árvore do Outono as folhas sem fim!”*

Ele foi arremessado ao ar. Os garotos soltaram gritos de exaltação, ainda que as roupas, a capa, os cabelos, a pele, o corpo e os ossos do sr. Montarlha tenham se rasgado em pedaços na frente deles.

*“...folhas... queimem...
... mudem... girem...!”*

O vento o enfeitou com milhões de folhas douradas, marrons, vermelhas como sangue, cor de ferrugem, todas farfalhantes e selvagens, folhas de carvalho, bordo e nogueira caindo aos montes, fragmentos ressoantes, agitando-se, murmurando, sussurrando ao negrume do céu. Não uma pipa, mas dez milhões de pequenas pipas feitas com pedaços de múmia, quando Montarlha explodiu em pedaços:

“O mundo a girar! As folhas a queimar!”

A grama a finar! As árvores... a voar!"

E, de bilhões de outras árvores das terras outonais, folhas se apressavam para se juntar ao batalhão de pequenos pedaços secos que outrora fora Montarlha, dispersos em redemoinhos de onde sua voz retumbou:

— Garotos, vocês conseguem ver as chamas ao longo da costa mediterrânea? O fogo ardendo para o norte, em direção à Europa? Labaredas de medo. Chamas de celebração. Conseguem enxergar, garotos? Para o alto, agora, voem!

E a avalanche de folhas caiu sobre cada garoto, como terríveis mariposas, e os levou. Sobre as areias do Egito, eles cantavam e ri-am e gargalhavam. Acima do mar sinistro, entusiasmados e histéricos, eles pairavam.

— Feliz Ano-Novo! — bradou uma voz, vinda ao longe, de baixo.

— Feliz *o quê?* — perguntou Tom.

— Feliz Ano-Novo! — Montarlha, na forma de folhagem cor de ferrugem, farfalhou sua voz. — Em tempos remotos, o 1º de novembro era o Ano-Novo. O verdadeiro fim do verão, o início do frio invernal. Não exatamente feliz, mas, bem, Feliz Ano-Novo!

Cruzaram a Europa e avistaram novas águas abaixo.

— As Ilhas Britânicas — murmurou Montarlha. — Vocês parariam na Inglaterra para ver o Deus Druida da Morte?

— Pararíamos, sim!

— Quietos como as plumas, suaves como a neve, caíam lentamente, que o vento os leve.

Os garotos caíram.

Como um punhado de castanhas, seus pés pousaram sobre a terra.

Capítulo 12



Os garotos aterrissaram como uma chuvarada de folhas outonais nesta ordem:

Tom Skelton, vestido com seus Ossos deliciosos.

Henry-Hank, mais ou menos uma Bruxa.

Ralph Bengstrum, uma Múmia desmantelada, cada vez mais desatada.

Um Fantasma chamado George Smith.

J.J. (não era necessário outro nome), um excelente Homem das cavernas.

Wally Babb, que afirmou ser uma Gárgula, mas que todos acharam estar bem mais para Quasímodo.

Fred Fryer, nada mais do que um mendigo saído direto da miséria.

E, por fim, mas não menos importante, “Hackles” Nibley, que improvisou uma fantasia de última hora, apenas colocando uma máscara branca horripilante e pegando a foice do avô na parede da garagem.

Todos os garotos pousaram em segurança em terras inglesas e os bilhões de folhas de outono caíram e desapareceram.

Ficaram em pé no meio de um vasto campo de trigo.

— Aqui, Mestre Nibley, trouxe sua foice. Tome! Pegue! Agora cuidado — avisou Montarlha. — O Deus Druida da Morte! Samhain! Abaixem-se!

E todos se abaixaram.

Pois uma foice enorme veio voando do céu. Com sua grande lâmina afiada, cortou o vento. Com seu lado curvo, fatiou as nuvens.

Decapitou árvores. Esfaqueou a face de um monte. Raspou uma faixa do campo. Pelo ar, caiu toda uma nevasca de trigo.

E, com cada golpe, cada corte, cada foiçada, o céu se enchia de gritos e berros e prantos.

A foice se ergueu com um silvo.

Os garotos se agacharam.

— Nhun! — grunhiu uma voz trovejante.

— Sr. Montarlha, é você?! — gritou Tom.

Elevando-se 12 metros acima deles no céu, com uma imensa foice nas mãos, havia uma figura encapuzada, o rosto encoberto pela neblina da meia-noite.

A lâmina cortou o céu: *hissssssss!*

— Sr. Montarlha, tenha piedade de nós!

— Quietos! — Alguém bateu no cotovelo de Tom. O sr. Montarlha estava deitado na terra ao lado dele. — Aquele não sou eu. Aquele é...

— Samhain! — exclamou a voz na neblina. — Deus dos Mortos! Assim, eu faço a colheita!

Sssss-whooooooshhh!

— Todos os que morreram este ano estão aqui! E, por seus pecados, nesta noite, serão transformados em *feras!*

Ssssssswoooooommmmmmmmm!

— Por favor — choramingou Ralph, a Múmia.

Sssssttttt!

A foice passou de raspão pelas costas de Hackles Nibley, rasgando sua fantasia com um só golpe e derrubando no chão a pequena foice que carregava.

— Feras!

E o trigo colhido se debulhou, girou no ar ao sabor do vento, guinchando suas almas, todos os que morreram nos últimos doze meses, e se derramou sobre a terra. E, ao cair, ao tocar o chão, as espigas de trigo se transformaram em asnos, galinhas, cobras, que relincharam, cacarejaram, sibilaram; transformaram-se em cachorros e gatos e vacas, que latiram, miaram, mugiram. Mas tudo em miniatura. Todos eram pequenos, diminutos, não muito maiores do que lesmas, do que dedos do pé, do que a ponta decepada de um nariz. Centenas e milhares de espigas de trigo nevaram e se espalharam e caíram como aranhas que não podiam gritar, nem implorar, nem chorar por misericórdia, mas que, silenciosamente, correram pela grama e cobriram os garotos. Cem centopeias caminharam pe-

las costas de Ralph. Duzentas sanguessugas grudaram na foice de Hackles Nibley até que, com um arquejo aterrorizado, ele se enfureceu, sacudiu a foice e as atirou para longe. De todos os lugares caíam viúvas-negras e pequenas jiboias.

— Pelos seus pecados! Seus pecados! Tomem isto! E mais isto! — berrou a voz no céu sibilante.

A foice desceu. O vento, partido, caiu em relâmpagos brilhantes. O trigo cortado se desfez em milhões de espigas. As espigas caíram. Os pecadores atingiram o chão como pedras. E, ao atingir, transformaram-se em sapos e rãs e numa grande quantidade de verugas escamosas com pernas e águas-vivas que fediam sob a luz.

— Serei um bom garoto! — prometeu Tom Skelton.

— Me deixe viver! — rogou Henry-Hank.

Tudo isso dito bem alto, pois a foice emitia um rugido assustador. Era como uma onda do oceano caindo do céu, varrendo a praia e fugindo para o alto para cortar mais nuvens. Até mesmo as nuvens pareciam sussurrar orações fervorosas numa tentativa de fugir do próprio destino. Não eu! Não eu!

— Por todo o mal que já fizeram! — exclamou Samhain.

E a foice desceu e as almas foram colhidas e caíram como salamandras cegas e percevejos nojentos e baratas horrendas que corriam, rastejavam, arranhavam.

— Meu Deus, ele é um criador de insetos!

— Esmagador de pulgas!

— Espremedor de cobras!

— Capturador de moscas!

— Não! Sou Samhain! Deus de Outubro! Deus dos Mortos!

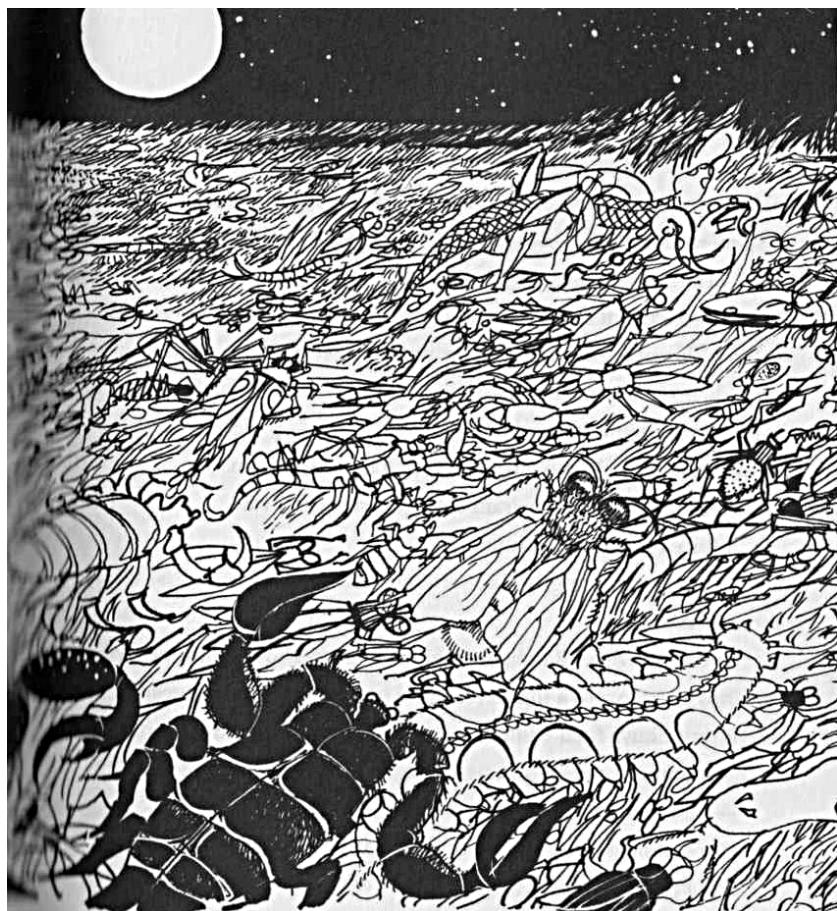
Samhain bateu o enorme pé e pisoteou mil insetos na grama, esmagou dez mil pequenas almas-feras, transformando-as em pó.

— Acho que — disse Tom — é melhor...

— Nós correremos? — sugeriu Ralph, preparando-se.

— Vamos votar?

A foice sibilou. Samhain rugiu.



— Que votar que nada! — exclamou Montarlha.

Todos se ergueram num salto.

— Vocês aí! — trovejou a voz acima deles. — Voltem aqui!

— Não mesmo, senhor, obrigado — respondeu um e depois outro.

E saíram correndo.

— Acho que eu... — disse Ralph, ofegante, com lágrimas escorrendo pelo rosto — eu sempre fui bonzinho na maior parte da minha vida. Não mereço morrer.

— Hã-haannn! — gritou Samhain.

A foice desceu como uma guilhotina e arrancou a copa de um carvalho e derrubou um bordo. Um pomar inteiro de maçãs caiu num poço de mármore em algum lugar. Parecia o som de uma casa

cheia de garotos rolando pelas escadas.

— Acho que ele não ouviu você, Ralph — disse Tom.

Eles mergulharam e caíram entre pedras e arbustos.

A foice ricocheteou nas pedras.

Samhain deu um grito tão forte que causou uma avalanche numa montanha próxima.

— Cara — disse Ralph, encolhido, abraçando os joelhos no peito, os olhos fechados —, a Inglaterra não é um bom lugar para pecadores.

E uma chuva final e intensa de almas histéricas, transformadas em besouros, pulgas, percevejos, pernilongos, caía sobre os garotos.

— Ei, vejam! Aquele cachorro!

Um cachorro selvagem, louco de terror, subia pelas pedras.

E seu rosto, seus olhos, algo *naqueles* olhos...

— Aquele não pode ser...?

— Pipkin? — disseram todos.

— Pip... — gritou Tom. — É aqui que *encontramos* você? É...

Mas *uuuuuum!* A foice desceu.

E, ganindo de medo, o cachorro, perplexo, escorregou pela grama.

— Agente firme, Pipkin. Sabemos que é você. Estamos vendo. Não fuja de nós! Não... — Tom assoviou.

Mas o cachorro, latindo com a voz doce e amedrontada do próprio Pipkin, desapareceu.

Mas um eco do seu latido veio de trás das montanhas:

— Encontrem. Encontrem. Encontrem-meeeeee...

Mas onde?, pensou Tom. *Onde?*

Capítulo 13



Samhain, com a foice erguida, observava tudo, feliz com seus jogos.

Soltou uma gargalhada gostosa, cuspiu fogo nas mãos calejadas, apertou a foice com força, a ergueu e congelou...

Pois, em algum lugar, alguém cantava.

Em algum lugar próximo ao topo da colina, num pequeno grupo de árvores, uma pequena fogueira tremeluziu.

Homens estavam reunidos ali, como sombras, erguendo os braços e entoando cânticos.

Samhain escutava, a foice em seus braços formando um grande sorriso.

“Oh Samhain, Deus dos Mortos!

Escute-nos!

Nós, os Sacros Sacerdotes Druidas,

No Bosque das Árvores, dos grandes Carvalhos,

Rogamos pelas Almas dos Mortos!”

Ao longe, esses homens estranhos, em frente à fogueira brilhante, erguiam facas de metal, levantavam gatos e cabras nas mãos, cantando:

“Nós rezamos pelas almas daqueles

Que se tornaram Feras.

Oh Deus dos Mortos, nós sacrificamos

Estas feras

E então tu libertarás

As almas dos nossos entes queridos,

Neste ano, falecidos!”

As facas brilhavam.

Samhain sorriu ainda mais. Os animais urraram.

Em volta dos garotos na terra, na grama, nas pedras, as almas aprisionadas, perdidas em aranhas, presas em baratas, jogadas em pulgas e besouros e centopeias, abriam as bocas e soltavam gritos em silêncio e se contorciam sem parar.

Tom recuou. Pensou ter ouvido milhões de pequenas lamúrias de dor — ah, tão microscópicas — vindas de lugares ao redor dele, onde as centopeias saltitavam e as aranhas dançavam.

— Liberte-os! Deixe-os! — suplicavam os druidas na colina.

A fogueira brilhava.

O vento marítimo rugiu pelos campos, acariciou as rochas, tocou as aranhas, rolou os besouros, derrubou as baratas. As pequeninas aranhas e os insetos, os cães e as vacas em miniatura se desfizeram como milhões de flocos de neve. As pequeninas almas aprisionadas em corpos de inseto se dissolveram.

Libertas, com um grande sussurro cavernoso, silvaram em direção ao céu.

— Para o paraíso! — exclamaram os sacerdotes druidas. — Ah, estão livres! Vão!

As almas voaram. Desapareceram no ar com suspiros de enorme gratidão.

Samhain, o Deus dos Mortos, deu de ombros e as deixou partir. Então, de repente, ele enrijeceu.

Assim como os meninos e o sr. Montarlha, agachados atrás das pedras.

Através de um vale, vindo do outro lado da colina, marchava um exército de soldados romanos, uma tropa em marcha acelerada. O líder seguia à frente, gritando:

— Soldados de Roma! Destruam os pagãos! Destruam a seita profana! Assim ordena Seutonium!

— Por Seutonium!

Samhain, alto no céu, ergueu a foice, mas era tarde demais!

Os soldados golpeavam com espadas e machados as bases dos carvalhos sagrados dos druidas.

Samhain gritou de dor como se os machados o tivessem golpeado nos joelhos. As árvores sagradas gemeram, silvaram e, na última machadada, caíram com um estrondo sobre a terra.

Samhain vacilou em pleno ar.

Os sacerdotes druidas, fugindo, pararam e estremeceram.

Árvores caíram.

Os sacerdotes, golpeados nos tornozelos e nos joelhos, caíram. Foram soprados como carvalhos num furacão.

— Não! — rugiu Samhain no ar.

— Sim! — responderam os Romanos. — Agora!

Os soldados deram um último e poderoso golpe.

E Samhain, Deus dos Mortos, despedaçado até as raízes, cortado nos tornozelos, começou a cair.

Os garotos, olhando para cima, saíram do caminho. Pois era como se uma gigantesca floresta desmoronasse toda de uma vez. Eles foram encobertos pelas sombras da queda. O trovão causado pela morte de Samhain soou antes que ele atingisse o chão. Ele era a maior a árvore que jamais existira, o carvalho mais alto a mergulhar e morrer. Veio abaixo cortando o ar selvagem da floresta, gritando, agitando os braços, tentando se segurar.

Samhain atingiu o solo.

Caiu com um urro que agitou os ossos das colinas e aspirou as chamas sagradas.

E, com Samhain ferido e derrubado e morto, o último dos carvalhos druidas caiu com ele, como o trigo ceifado com um último golpe de foice. Sua própria foice gigantesca, um vasto sorriso perdido nos campos, dissolveu-se numa poça de prata que afundou na grama.

Silêncio. Chamas ardendo. Folhas ao vento.

Instantaneamente, o sol se pôs.

Os sacerdotes druidas sangravam na grama enquanto os garotos assistiam e o capitão romano rondava as fogueiras apagadas, chutando as cinzas sagradas.

— Aqui devemos construir os templos para os nossos deuses!

Os soldados acenderam novas fogueiras e queimaram incensos perante os ídolos dourados, arrumados nos devidos lugares.

No entanto, mal acenderam o fogo, uma estrela brilhou no céu do leste. Nas areias de desertos longínquos, entre sinos de camelo, Três Reis Magos passavam.

Os soldados romanos levantaram os escudos de bronze contra a claridade da Estrela que brilhava no céu. Mas os escudos se derreteram. Os ídolos romanos se derreteram e tomaram a forma de Maria e seu Filho.

A armadura dos soldados se derreteu, pingou no chão, se transformou. Estavam vestidos agora nos trajes sacerdotais daqueles que cantavam latim em frente aos altares ainda novos, até que Montarlha, agachado, observando, analisando a cena, cochichou para os pequenos amigos mascarados:

— Sim, garotos, estão vendo? Deuses após deuses. Os Romanos derrubaram os Druidas, seus carvalhos, seu Deus dos Mortos, *bang! Fora daqui!* E o substituíram pelos seus próprios deuses, não é? Então, chegaram os Cristãos e derrubaram os Romanos! Novos altares, garotos, novos incensos, novos nomes...

O vento apagou as velas do altar.

Na escuridão, Tom soltou um grito. A terra tremeu e se abriu. A chuva desceu sobre eles.

— O que está acontecendo, sr. Montarlha? Onde estamos?

Montarlha pôs um dedo pontudo nas chamas e o levantou.

— Ora, minha nossa, garotos. Estamos na Idade das Trevas. A mais longa e densa noite que já existiu. Cristo veio e deixou o mundo muito tempo atrás e...

— Onde está Pipkin?

— Aqui! — chamou uma voz vinda da escuridão do céu. — Acho que estou numa vassoura! Ela está me... levando embora!

— Ei, eu também — disse Ralph e então J.J. e, depois, Hackles Nibley e Wally Babb, e todo o resto.

Houve um grande cicio, como um gato gigante acariciando os bigodes no escuro.

— Vassouras — resmungou Montarlha. — A reunião das Vassouras. O Festival das Vassouras de Outubro. A Migração Anual.

— Para onde? — perguntou Tom, procurando organizar o engarrafamento aéreo que todos causavam, naquele momento, em meio a gritos.

— Para as Fábricas de Vassoura, é claro!

— Socorro! Estou voando! — exclamou Henry-Hank.

Uma vassoura o varreu para longe.

Um grande gato arrepiado passou pelo rosto de Tom. Ele sentiu um cabo de madeira entre suas pernas levantar-se de repente.

— Segure-se! — disse Montarlha. — Quando se é atacado por uma vassoura, há apenas uma coisa a fazer: segurar firme!

— Estou segurando! — gritou Tom, e voou para longe.

Capítulo 14



O céu foi varrido por vassouras.

O céu foi varrido pelo grito dos garotos que montavam pelo menos oito daquelas vassouras de uma vez.

E, ao transformar os gritos de medo em gritos de alegria, quase se esqueceram de procurar por Pipkin, pois ele também fora lançado por entre as ilhas de nuvens.

— Por aqui! — indicou Pipkin.

— Estamos indo o mais rápido possível! — assegurou Tom Skelton. — Mas, Pip, é difícil demais pilotar uma vassoura! Pelo menos, eu estou achando!

— Engraçado você dizer isso — disse Henry-Hank. — Porque eu concordo.

Todos concordaram, enquanto caíam, se seguravam e subiam novamente.



O tumulto de vassouras no céu era tamanho que não havia espaço para nuvens nem para neblina e muito menos para névoa ou para garotos. Havia um enorme engarrafamento de vassouras, como se todas as florestas do mundo tivessem soltado seus galhos de uma só vez e, limpando os campos de outono, colhessem e unissem os grãos de cereais que melhor pudessem varrer, debulhar e bater, para então voarem.

Traziam consigo todas as hastes de varal do mundo. E, com elas, retalhos de grama, pedaços de ervas, arbustos arrancados para se juntar ao rebanho de nuvens que pastavam e purificar as estrelas e levar os garotos.

Garotos esses que, cada qual sobre sua magrela montaria, foram imersos em batidas e pancadas de madeira. Eram punidos severamente por ocuparem os céus. Ganharam cem hematomas cada um, uma dúzia de cortes e precisamente quarenta e nove galos em suas cabeças sensíveis.

— Ei, meu nariz está sangrando! — arfou Tom, com alegria, olhando o líquido vermelho em seus dedos.

— Bobagem! — exclamou Pipkin, entrando seco numa nuvem e saindo molhado. — Isso não é nada. Estou com um olho roxo, uma orelha machucada e perdi um dente!

— Pipkin! — chamou Tom. — Não fique nos pedindo para encontrá-lo se não sabemos onde! *Onde?*

— No ar! — respondeu Pipkin.

— Caraca — resmungou Henry-Hank. — Existem dois zilhões, cem bilhões e noventa e nove milhões de metros cúbicos de ar ao redor do mundo! Em qual deles devemos encontrar Pipkin?

— Digo... — arfou Pipkin.

Mas um bando de vassouras entrou na sua frente em uma dança torta, se movendo como espigas de milho ou como uma cerca de fazenda que, de repente, ganha vida, saltitando de um lado para outro grotesca e desvairadamente.

Uma nuvem com um grande rosto demoníaco escancarou a bocarra. Ela engoliu Pipkin, com vassoura e tudo, e então fechou a boca vaporosa e soltou um arroto pela digestão de Pipkin.

— Dê um chute e saia daí, Pipkin! Acerte ela no estômago! — sugeriu alguém.

Mas não houve chute algum, e a nuvem, satisfeita, partiu pela Baía do Infinito em direção à Aurora da Eternidade, ruminando o delicioso menino que lhe servira de jantar.

— Encontrá-lo no ar? — bufou Tom. — Nossa, isso que eu chamo de instrução truncada que sai do nada e leva a lugar nenhum.

— Veja instruções ainda mais truncadas! — disse Montarlha, montado numa vassoura que parecia um gato molhado e furioso preso num esfregão. — Vocês conseguem ver os bruxos, garotos? Feiticeiras invocadoras de espíritos, mágicos, necromantes, demônios, diabos? Eles estão lá, na multidão, no caos das ruas, garotos. Abram os olhos e vejam.

E, lá embaixo, por toda a Europa, atravessando a França e a Alemanha e a Espanha, nas estradas noturnas, de fato, havia grupos e multidões e desfiles de estranhos pecadores rumo ao norte, misturando-se e fugindo do Mar do Sul.

— É isso mesmo! Saltem, corram! Por aqui, rumo à noite! Por aqui, rumo à escuridão! — Montarlha deu um rasante, gritando sobre a multidão como um general liderando um admirável e maligno exército. — Depressa, escondam-se! Agachem-se. Esperem alguns séculos!

— Eles devem se esconder de quê? — perguntou Tom.

— Lá vêm os Cristãos! — gritavam vozes nas ruas de baixo.

E aquela era a resposta.

Tom piscou e se levantou e assistiu.

E, de todas as estradas, multidões corriam para isolar-se em fazendas, ou em encruzilhadas, em campos de colheita, em cidades. Velhos. Velhas. Banguelas e loucos, gritando para o céu enquanto as vassouras desciam.

— Vejam só — percebeu Henry-Hank, surpreso. — São bruxas!

— Que minha alma seja lavada a seco e posta no varal para secar se você não estiver certo, garoto — concordou Montarlha.

— Tem bruxas saltando fogueiras — disse J.J.

— E bruxas mexendo caldeirões! — observou Tom.

— E bruxas nos currais desenhando símbolos na terra! — completou Ralph. — Elas são *reais*? Digo, eu sempre pensei...

— Reais? — Montarlha, insultado, quase caiu do gato nervoso que era sua vassoura. — Meu Deus do céu, rapazes, toda cidade possui sua bruxa local. Toda cidade esconde algum antigo sacerdote pagão grego, algum adorador romano de pequeninos deuses que corre pela estrada, se esconde em aquedutos, se afunda em cavernas para escapar dos Cristãos! Em cada vila pequenina, garotos, em cada fazendinha miserável, antigas fés se escondem. Vocês viram os druidas serem cortados e derrubados, não viram? Eles se esconderam dos Romanos. E, agora, os próprios Romanos, que lançavam Cristãos aos leões, têm de correr para se esconder. E, assim, vão celebrando todos os pequenos cultos, de todos os tipos e gostos, misturando-se para sobreviver. Vejam como eles fogem, garotos!

E era verdade.

Fogueiras queimavam por toda a Europa. Em cada encruzilhada e por cada monte de feno, criaturas sombrias saltavam através das chamas, transformadas em gatos. Caldeirões borbulhavam. Velhas bruxas lançavam maldições. Cães pulavam sobre pedras de carvão em brasa.

— Bruxas, bruxas, em toda parte — disse Tom, maravilhado. — Nunca imaginei que havia tantas!

— Um montão delas, Tom. Uma multidão. A Europa transbordava de bruxas: sob o chão, embaixo da cama, no porão e no sótão.

— Caraca — empolgou-se Henry-Hank, orgulhoso de sua fantasia de Bruxa. — Bruxas de verdade! Elas podem falar com os mortos?

— Não — respondeu Montarlha.

— Invocar demônios?
— Não.
— Prender os demônios nas dobradiças e os libertar à meia-noite?

— Não.
— Voar em vassouras?
— Também não.
— Lançar feitiços de espirro nas pessoas?
— Lamento, mas não.
— Matar pessoas enfiando agulhas em bonecos?
— Não.
— Mas que droga! Que diabos elas *podiam* fazer?
— Nada.
— Nada?! — exclamaram todos os garotos, afrontados.
— Ah, mas elas *achavam* que podiam, rapazes!

Montarlha conduziu a Turma para baixo em suas vassouras, sobrevoando as fazendas, onde bruxas lançavam sapos em caldeirões e esmagavam cogumelos e cheiravam pó de múmia e davam cambalhotas gargalhando.

— Como anda o inglês de vocês? Vocês sabem como se diz “bruxa” em inglês?

— Ora... Acho que é *witch* — disse Tom.

— Então, parem e pensem. O que essa palavra significa de verdade? *Witch* é derivada de outra palavra da língua inglesa: *wits*, isto é, inteligência — explicou Montarlha. — E é isso o que significa. Inteligência, conhecimento, sagacidade. Então, qualquer homem ou mulher com meio cérebro e disposição para aprender tinha *wits*, não é? Dessa forma, todas as pessoas que eram inteligentes demais e que não tomavam cuidado com isso eram chamadas de...

— *Witches!* — disseram todos.

— E alguns dos mais espertos fingiam que podiam fazer magia ou sonhavam eles próprios com fantasmas e mortos-vivos e múmias errantes. E, se os inimigos morressem por coincidência, eles levavam o crédito. Gostavam de acreditar que possuíam poder, mas, na realidade, não tinham nenhum, garotos, nenhum. É triste, porém verdade. Mas escutem com atenção. Lá depois da colina, de onde vieram as vassouras. É para lá que eles vão.

Os garotos prestaram atenção e ouviram:

“Fabricada é a vassoura

*A vassoura que agoura
Do céu que se desdoura aguardando a lua vindoura
A vassoura a qual leva bruxas sem igual, a uma altura astral
Em colheitas de ervas perfeitas
Gritando e suspirando ao seu comando
No mar de nuvens sem fim, suaves, vistosas enfim...!”*

Lá embaixo, a toda velocidade, a agitação tomava uma fábrica de vassouras de bruxa; cabos eram cortados, fixados às cerdas recém-atadas, e depois de prontos saíam pelas chaminés em voos faiscentes. No telhado, bruxas velhas saltavam sobre elas e punham-se a conduzi-las em direção às estrelas.

Ou era o que parecia, enquanto os garotos assistiam e vozes cantavam:

*“Será que as bruxas sentem o vento da noite na cama
E dançam com demônios e mortos quando um deles chama?
Não!
Mas é isso que cada uma delas ostenta, declara e clama!
Até continentes inteiros, veementes,
Chamam de ‘bruxas’ as inocentes,
E ainda conspiram,
E velhas, bebês e virgens nas chamas atiram.”*

Uma multidão enfurecida passava por vilas e fazendas com tochas, amaldiçoando. Fogueiras brilhavam do Canal da Mancha até a costa Mediterrânea.

*“Por toda a Alemanha e toda a França,
Dez mil assim chamadas bruxas
Reúnem-se para a antiga e última dança
Nenhuma aldeia presenciara tamanho pavor
Enquanto cada lado chamava o outro de suíno das trevas,
Porca do velho Satã, o javali demoníaco da dor.”*

Porcos selvagens, com bruxas grudadas nas costas, trotavam sobre as telhas, soltando fagulhas, bufando fumaça.

*“A Europa era toda uma nuvem de bruxas, uma fumaçada.
Seus juízes eram muitas vezes presos e com elas queimados.*

Por quê? Uma piada!”

“Até que: ‘todos os homens são corrompidos pela culpa!

É tudo pecado, tudo mentira!’

Então, o que fazer?

Ora, todos devem morrer!”

O céu se encheu de fumaça. Em todas as encruzilhadas havia bruxas enforcadas. Corvos se aglomeravam numa escuridão emplumada.

Os garotos permaneciam sobre as vassouras, no céu, com os olhos arregalados e a boca escancarada.

— Algum de vocês quer ser uma bruxa? — perguntou Montarlha por fim.

— Hã — respondeu Henry-Hank, tremendo sob a fantasia de bruxa. — *Eu n-não!*

— Não parece nada divertido, não é, garoto?

— Nem um pouco.

As vassouras os levaram embora através da fumaça cinzenta.

Aterrissaram numa rua vazia, num espaço aberto, em Paris.

Cada vassoura caiu ao chão, morta.

Capítulo 15



— Bem, garotos, o que devemos fazer para assustar os assustados, amedrontar os amedrontados, apavorar os apavorados? — perguntou Montarlha de dentro de uma nuvem. — O que é maior do que demônios e bruxas?

— Grandes deuses?

— Grandes bruxas?

— Grandes templos? — sugeriu Tom Skelton.

— Deus o abençoe, Tom! Você está certo! Uma ideia pode crescer, não é mesmo? Uma religião também! Como? Com construções grandes o suficiente para lançar sombras sobre toda a terra. Construindo templos que podem ser vistos a centenas de quilômetros de distância. construindo uma igreja tão grande e famosa que abriga um corcunda que toca sinos. Então, garotos, ajudem-me a construir, tijolo por tijolo, arcobotante por arcobotante. Vamos construir...

— Notre Dame! — gritaram os oito garotos.

— E temos outro motivo para construir Notre Dame, porque... — disse Montarlha. — ... Ouçam...

Dong!

Um sino tocou no céu.

Dong!

— ... Socorro! — sussurrou uma voz quando o som morreu.

Dong!

Os garotos olharam para cima e viram um tipo de andaime erigido diante de um campanário cortando a lua. Bem no alto, havia um enorme sino de bronze que soava agora.

E, de dentro do sino, a cada badalada, uma voz fraca gritava:

— Socorro!

Os garotos olharam para Montarlha.

Em seus olhos, brilhava a pergunta:

Pipkin?

Encontrem-me no ar!, pensou Tom. *E aqui estava ele.*

Ali, preso de cabeça para baixo sobre Paris, sua cabeça funcionando como badalo, estava Pipkin, dentro do sino. Ou a sombra, o fantasma ou o espírito perdido de Pipkin.

Havia portanto um sino e, quando ele soava na hora certa, o badalo que tocava era de carne e osso! A cabeça de Pipkin batia o sino. Dong! E uma vez mais: Dong!

— Isso vai arrebentar a cabeça dele — arfou Henry-Hank

— Socorro! — gritou Pipkin, uma sombra do sino, um fantasma pendurado de cabeça para baixo para soar na hora certa e no quarto de hora.

— Voem! — ordenaram os garotos às vassouras, mas elas jazeram mortas nas pedras de Paris.

— Não há vida nelas — lamentou Montarlha. — Essência, energia, fogo, tudo se foi. Pois bem. — Ele coçou o queixo, provocando fagulhas. — Como faremos para chegar até lá e salvar Pipkin sem as vassouras?

— O *senhor* voa, sr. Montarlha.

— Ah, não. Não é assim que tem de ser. Vocês devem salvá-lo, para todo o sempre, repetidas vezes nesta noite até a grande salvação. Esperem. Ah! Uma inspiração. Vamos construir Notre Dame, certo? Que tal se começarmos a construí-la ali?! E subirmos as escadas até chegarmos ao sino que toca a cada hora certa e cujo badalo é a cabeça de Pipkin! Vamos lá, rapazes! Subam as escadas!

— *Que* escadas?

— Estas! Bem aqui! E ali! E lá!

Os blocos se encaixaram em seus lugares. Os garotos saltaram. E, quando erguiam o pé, um degrau se formava, uma pedra de cada vez.

Dong!, tocava o sino.

Socorro!, gritava Pipkin.

Os pés se apressavam no vazio do ar e tocavam a pedra e subiam...

Um degrau. Outro degrau.

Mais um e ainda outro, escalando o espaço vazio.

Socorro!, gritava Pipkin.

Dong!, tocava o sino novamente.

E, assim, eles corriam no vazio, com Montarlha os incitando a continuar. Correram na luz pura do vento tendo apenas tijolos e pe-

dras e cimento como um castelo de cartas sendo construído e se solidificando sob seus calcanhares.

Era como correr por um bolo que formava uma camada de pedra sobre a outra, enquanto o sino desvairado e os gritos e as súplicas de Pipkin os estimulavam a continuar.

— A nossa sombra! Lá está ela! — disse Tom.

E, realmente, a sombra daquela catedral, a esplêndida Notre Dame contra a lua, cobria toda a França e metade da Europa.

— Vamos, garotos, subam! Sem parar, sem descansar, corram!

Dong!

Socorro!

Eles correram. Começavam a cair a cada degrau, mas os degraus surgiam de novo e de novo e de novo no lugar onde estavam e os salvavam da queda, e eles subiam cada vez mais alto, e então a sombra dos pináculos erguia-se sobre rios e campos para apagar as últimas fogueiras das bruxas nas encruzilhadas. Bruxas velhas, feiticeiros, magos, sábios, amantes de demônios, a mil quilômetros, apagados como velas, soltando fumaça, lamentando-se e escondendo-se, enquanto a igreja se agigantava e crescia em direção aos céus.

— Então, assim como os romanos cortaram as árvores dos druidas e causaram a queda do seu Deus da Morte, nós, agora, com esta igreja, lançamos uma sombra que derruba todas as bruxas de suas vassouras e cura todos os feiticeiros, magos e curandeiros. Chega de fogueiras de bruxas. Apenas esta enorme vela brilhará: Notre Dame! *Presto!*

Os garotos riram de prazer.

Pois o último degrau se encaixou.

Chegaram ao topo, ofegantes.

A catedral de Notre Dame estava pronta e construída.

Dong!

Soou a última badalada.

O grande sino de bronze estremeceu.

E estava vazio.

Os garotos se inclinaram para olhar a grande boca cavernosa.

Não havia nenhum badalo lá dentro com a forma de Pipkin.

— Pipkin? — chamaram eles.

— ... kin — ecoou o sino em resposta.

— Ele está aqui em algum lugar. Aqui no alto. Ele prometeu que nós o encontraríamos. E Pipkin nunca quebra uma promessa — disse Montarlha. — Procurem, garotos. Excelente trabalho, não é?

Centenas de anos de trabalho árduo realizado em uma corrida e um espirro, certo? Mas, oh! Tem algo além de Pipkin faltando aqui. O que será? Olhem para cima. Para os lados. O que é?

Os garotos observaram, confusos.

— Hã...

— Este lugar não parece horrivelmente simples, garotos? Sem toques especiais ou ornamentos?

— Gárgulas!

Todos se viraram para olhar...

Wally Babb, que se fantasiara de Gárgula para o Halloween. Seu rosto iluminado pela revelação.

— Gárgulas. O lugar não tem gárgulas.

— Gárgulas — disse Montarlha, enunciando a palavra com um brado bonito e poético em sua língua de lagarto. — Gárgulas. Será que devemos colocá-las, garotos?

— Como?

— Ora, acho que poderíamos assoviar para colocá-las nos devidos lugares. Assoviem para os demônios, garotos, assoviem para os espíritos malignos, deem um assovio alto e agudo para as bestas e os monstros ferozes da escuridão.

Wally Babb tomou bastante fôlego.

— Aqui vai o meu.

Ele assoviou.

Todos assoviaram.

E as gárgulas?

Vieram *correndo*.

Capítulo 16



Os desocupados da meia-noite de toda a Europa estremeceram em seus sonos de pedra e despertaram.

Ou seja, todas as antigas feras, todas as antigas histórias, todos os antigos pesadelos, todos os antigos demônios e feiticeiros desamparados tremeram ao ouvir o chamado, se ergueram ao som dos assovios, estremeceram com a convocação e, na poeira, demônios deslizaram pelas estradas, esvoaçaram pelos céus, atingiram árvores trêmulas, cruzaram riachos, nadaram por rios, rasgaram as nuvens e todos chegaram. Chegaram.

Todas as estátuas mortas e ídolos e semideuses da Europa, cobrindo tudo como uma neve terrível espalhada por todos os lados, abandonados, em ruínas, piscaram e acordaram e vieram como salamandras pelas estradas, ou morcegos pelo céu ou cães selvagens pelas florestas. Eles voavam, galopavam, deslizavam.

Para a animação geral, surpresa, gritos e comemorações de um grupo de garotos debruçados, ao lado de Montarlha, enquanto a multidão de estranhas feras se aproximava vinda do norte, do sul, do leste e do oeste, para entrar em pânico pelos portões e esperar os assovios.

— Será que devemos jogar chumbo derretido sobre eles?

Os garotos viram o sorriso de Montarlha.

— Deus, não — respondeu Tom. — O Corcunda já *fez* isso há muitos anos!

— Bem, então nada de lava quente. Devemos *atraí-los* aqui para cima?

Todos assoviaram.

E, obedecendo à convocação, a multidão, o grupo, o exército, a coleção, o bando de monstros, bestas, vícios extremos, virtudes azedadas, santos descartados, orgulhos feridos, esplendores ociosos, gote-

jaram, deslizaram, lançaram-se, atiraram-se, correram e subiram pelas laterais de Notre Dame. Como uma maré maligna de um pesadelo se erguendo como uma onda de gritos e rebentando para inundar a catedral e se colocar em cada ponta e pedra saliente.

E por aqui corriam porcos e por ali subiam bodes satânicos, e uma outra parede via demônios que se entalhavam pelo caminho, derrubavam chifres que cresciam de novo, raspavam as barbichas para germinarem bigodes de pelo de minhoca.

As vezes, um enxame de meras máscaras e rostos subia pelas paredes e se erguia pelos pilares, carregado por um exército de pitus e lagostas hesitantes e extravagantes. E chegavam as cabeças de gorilas, cheias de pecados e dentes. E vinham cabeças de homens com salsichas nas bocas. Mais adiante, a máscara de um Bobo da Corte dançava, carregada por uma aranha que sabia balé.

Havia tanta coisa acontecendo que Tom exclamou:

— Meu Deus, quanta coisa acontecendo!

— E ainda tem mais por vir. *Veja!* — exclamou Montarlha.

Pois, naquele momento, Notre Dame foi infestada com diversas bestas e aranhas de olhar enviesado e máscaras, e havia dragões caçando crianças e baleias engolindo Jonas e carruagens chacoalhando ossos e crânios. Acrobatas e saltadores, tirados de forma por semidemônios, mancavam e caíam em posturas estranhas e congelavam no telhado.

Tudo aquilo acompanhado por porcos com harpas e porcas com flautas e cães com gaita de fole, de modo que a música ajudava a enfeitiçar e a atrair a multidão grotesca para cima pelas paredes para que caísse na armadilha e ficasse aprisionada para sempre em pedestais de pedra.

Ali, um macaco depenava uma lira; acolá, uma mulher com rabo de peixe se debatia no chão. Uma esfinge voou pela noite, batendo suas asas e se transformando em mulher e em leão, metade de cada, determinada a descansar os séculos na sombra e ao som dos altos sinos.

— Ora, o que é *aquilo*? — quis saber Tom.

Montarlha, debruçando-se, pigarreou:

— Aqueles são os Pecados, garotos! E são indescritíveis. Ali rasteja o Verme da Consciência!

Eles olharam para vê-lo rastejar. E ele rastejava muito bem.

— Agora — sussurrou Montarlha, baixinho. — Assentem-se. Repousem. Durmam.

E o bando de estranhas criaturas se revirou três vezes como cães malignos e se deitou. Todas as bestas se enraizaram. Todas as caretas se congelaram. Todos os gritos silenciaram.

A lua iluminou as gárgulas de Notre Dame.

— Isso faz sentido, Tom?

— É claro que sim. Todos os antigos deuses, todos os antigos sonhos, todos os antigos pesadelos, todas as antigas ideias sem nada para fazer, sem trabalho nenhum. Nós demos trabalho para eles. Nós os chamamos até aqui!

— E aqui eles ficarão por séculos e séculos, certo?

— Certo!

Eles olharam por sobre a beirada.

Havia um bando de bestas na ameia leste.

Uma multidão de pecados na oeste.

Uma explosão de pesadelos na sul.

E uma coleção de vícios sem nome e virtudes malcuidadas na norte.

— Eu — disse Tom, orgulhoso do trabalho que realizaram naquela noite — não me importaria de morar aqui.

O vento sussurrou na boca das bestas. Suas presas sibilaram e assoviaram:

— Agradecemos.

Capítulo 17



— Céus — disse Tom Skelton no parapeito. — Nós invocamos com nosso assovio todos esses grifos e demônios de pedras. E agora perdemos Pipkin de novo. Eu estava pensando... Será que não poderíamos assoviar para que *ele* seja invocado?

Montarlha riu, fazendo sua capa se agitar ao vento noturno e seus ossos secos estalarem dentro da pele.

— Garotos! Olhem ao redor! Ele ainda está *aqui*!

— Onde?

— Aqui — lamentou uma voz baixinha ao longe.

Os garotos se debruçaram sobre o parapeito, viraram o pescoço e olharam para cima, procurando.

— Procurem e encontrem, rapazes, é hora do esconde-esconde!

E, mesmo procurando, não conseguiram evitar a diversão de estarem sobre a ardósia perturbadora da catedral, toda adornada com bestas aterrorizantes e deliciosamente horrorosas.



Onde estaria Pipkin no meio de todas aquelas sombrias criaturas marítimas com guelras eternamente boquiabertas em ofegos e suspiros? Onde estaria ele no meio de todos aqueles pesadelos lindamente esculpidos em cálculos biliares de bichos-papões e monstros saídos de antigos terremotos, vomitados por vulcões raivosos que se resfriaram em medos e delírios.

— Aqui — pranteou novamente uma voz familiar, fraca e longínqua.

E mais abaixo, sobre uma saliência na parede, a meio caminho do chão, os garotos, apertando os olhos, acharam ter visto um rostinho redondo meio angelical e meio demoníaco com um conhecido olhar, um conhecido nariz e uma conhecida e amigável boca.

— Pipkin!

Desceram as escadas correndo e gritando. Passaram por corredores escuros até alcançarem um peitoril. E lá adiante, pairando no ar, acima de um passadiço bem estreito, encontraram o rostinho amável no meio de tanta feiura.

Tom foi na frente, sem olhar para baixo, esticando o braço para se equilibrar. Ralph o seguiu. O resto do grupo os acompanhou devagar, em fila.

— Cuidado, Tom, não caia!

— Não estou caindo. Pip está aqui.

E lá estava ele.

Pararam um atrás do outro bem abaixo de uma máscara de pedra, de um busto, de uma cabeça de gárgula projetada na parede. Ergueram o olhar e viram o perfil bem-delineado, o nariz protuberante, o rosto sem barba e os cabelos encaracolados de mármore.

Pipkin.

— Minha nossa, Pip, o que você está fazendo aqui?! — exclamou Tom.

Pip nada disse.

Sua boca era um talho na pedra.

— Oh, é apenas pedra — disse Ralph. — Somente uma gárgula esculpida aqui tempos atrás, e que se parece com Pipkin.

— Não, eu o ouvi *chamando*!

— Mas, como...

E então o vento lhes deu a resposta.

Soprou pelos cantos altos de Notre Dame. Entrou pelas orelhas e saiu pelas bocas abertas das gárgulas.

— Ahhh... — murmurou a voz de Pipkin.

Os garotos sentiram os pelos do pescoço se eriçarem.

— Uuuhhh — resmungou a boca de pedra.

— Escutem. Aí está! — disse Ralph com animação.

— Fica quieto! — gritou Tom. — Pip? Na próxima vez que o vento soprar, nos diga, como podemos ajudar? Como veio parar aqui? Como tiramos você daí?

Silêncio. Os garotos se seguravam na face rochosa da imensa catedral.

Então, mais uma lufada de vento passou, assoviando pelos dentes da boca entalhada do menino.

— Uma... — disse a voz de Pip. — ... pergunta — sussurrou a voz novamente depois de uma pausa.

Silêncio. Ventania.

— De cada...

Os garotos aguardavam.

— ... vez.

— Uma pergunta de cada vez! — traduziu Tom.

Os meninos gargalharam. Aquele era o Pip.

— Certo. — Tom tomou fôlego. — O que está *fazendo* aqui em cima?

O vento soprou melancolicamente e a voz soou profunda, como se viesse de um poço antigo.

— Estive... em tantos... lugares... em tão... poucas... horas.

Os garotos aguardaram, rangendo os dentes.

— Fale, Pipkin!

O vento voltou a lamentar pela boca talhada.

Mas o vento cessou.

Começou a chover.

E isso foi o melhor de tudo. Pois as gotas de chuva escorriam geladas pelas orelhas de pedra de Pipkin, passando pelo nariz e jorrando pela boca de mármore, e então sílabas começaram a ser pronunciadas em tons líquidos, com palavras claras, geladas de chuva:

— Ei... assim é melhor!

Ele exalava vapor, e borrifava gotas de chuva:

— Vocês estiveram onde eu estive! Minha nossa! Fui enterrado como uma múmia! Fiquei preso dentro de um cachorro!

— Nós sabíamos que era você, Pipkin!

— E agora estou aqui — disse a chuva na orelha, a chuva no nariz, a chuva gotejando pela boca de mármore. — Nossa, puxa, é engraçado, estranho, dentro dessa pedra com todos esses demônios e criaturas como colegas! E, daqui a dez minutos, quem sabe onde estarei? Ainda mais alto? Ou enterrado bem fundo?

— Onde, Pipkin?

Os garotos tropeçaram. A chuva desmoronou sobre eles, fazendo com que se desequilbrassem e quase caíssem lá de cima.

— Você está morto, Pipkin?

— Não, ainda não — disse a chuva fria em sua boca. — Parte de mim está num hospital longe de casa, outra está numa antiga catacumba egípcia. Também tenho uma parte nos campos da Inglaterra. E parte de mim está aqui. E tem uma parte que está num lugar pior...

— Onde?

— Não sei, eu não... Ai, meu Deus... Num momento estou rindo e, em outro, estou com medo. Agora, agora mesmo, neste exato momento, eu acho, eu sei, eu estou com medo. Ajudem-me, rapazes. Ajudem-me, ah, *por favor!*

A chuva escorreu por seus olhos como lágrimas.

Os garotos estenderam o braço para tocar no queixo de Pipkin o máximo que puderam. Mas antes que pudessem alcançar...

Um raio rasgou o céu.

Uma luz branca e azul brilhou.

A catedral inteira tremeu. Os garotos tiveram de se agarrar em chifres de demônios e asas de anjos dos dois lados para não serem

derrubados.

Trovão e fumaça. E inúmeros fragmentos de pedra e rocha.

O rosto de Pipkin havia sumido. Derrubado pelo raio, caíra pelo espaço para se despedaçar no chão.

— Pipkin!

Mas lá embaixo, na entrada da catedral, havia apenas pedras estilhaçadas e fagulhas sendo sopradas para longe, e um leve pó de gárgula. O nariz, o queixo, a boca de pedra, a face rígida, os olhos brilhantes, a orelha entalhada, tudo, tudo chicoteado pelo vento em estilhaços de poeira. Eles viram algo como uma fumaça espiritual, uma fluorescência de pólvora sendo soprada para o sul e para o oeste.

— México... — Montarlha, um dos poucos homens em todo o mundo que sabia como pronunciar, pronunciou a palavra.

— México? — perguntou Tom.

— A última grande viagem desta noite — declarou Montarlha, ainda pronunciando, saboreando as sílabas. — Assoviem, garotos, rujam como tigres, urrem como panteras, rosnem como carnívoros!

— Rugir, urrar, rosnar?

— Reúnam a Pipa novamente, garotos, a Pipa Outonal. Colem de volta as presas e os olhos famintos e as garras sangrentas. Gritem ao vento para costurá-la novamente e nos levar para o alto e para longe. Zurrem, meninos, berrem, proclamem, gritem!

Os garotos hesitaram. Montarlha correu pelo passadiço como alguém batendo nas tábuas de uma cerca e derrubou cada um dos garotos com joelhadas e cotoveladas. Eles caíram, e a queda deu a cada um seu próprio rugido, urro e rosnado.

Caindo pelo espaço vazio, sentiram a cauda de um mortífero pavão abanando sob eles, com os olhos cheios de sangue. Dez mil olhos ardentes apareceram.

Pairando de repente em volta de uma extremidade cheia de gárgulas, a Pipa Outonal se recompôs e aparou a queda dos garotos.

Eles agarraram, se penduraram nas bordas, nas estacas cruzadas, nas folhas de lona, nos pedaços e tiras e rasgos de velhas bocarras de leão ensanguentadas e buchos de tigres cheios de carne.

Montarlha levantou-se de um salto para se agarrar também. Daquela vez, ele seria a rabiola.

A Pipa Outonal flutuava, esperando, com oito garotos sobre a superfície ondulada formada por presas e olhos.

Montarlha apurou a audição.

A centenas de quilômetros dali, mendigos desciam por ruas irlandesas, famintos, implorando por comida de porta em porta. Aquelas lamúrias elevaram-se pela noite.

Fred Fryer, com sua fantasia de mendigo, escutou.

— Para aquela direção! Vamos voar para lá!

— Não. Não temos tempo. Escutem!

A milhares de quilômetros dali, havia uma leve martelada de besouros marcando a noite.

— Os fabricantes de caixões do México. — Montarlha sorriu. — Nas ruas com suas grandes caixas e pregos e pequenos martelos, martelando, martelando.

— Pipkin? — sussurraram os meninos.

— Nós ouvimos — disse Montarlha. — E, para o México, nós *vamos*.

A Pipa Outonal se lançou para cima a mil pés de altura numa corrente de vento.

As gárgulas, sibilando em suas narinas rochosas, escancarando as bocarras de mármore, usaram o mesmo vento para lamentar-se em despedida.

Capítulo 18



Estavam sobrevoando o México.

Estavam sobrevoando uma ilha naquele lago no México.

Escutaram cães latindo lá embaixo, na escuridão da noite. Avisaram alguns barcos flutuando no lago iluminados pela luz da lua, se movendo como insetos aquáticos. Ouviram o som de um violão e um homem cantando com voz triste e intensa.

Bem longe das fronteiras sombrias de onde estavam, nos Estados Unidos, grupos de crianças, matilhas de cães corriam, gargalhavam e latiam, enquanto batiam de porta em porta, carregando nas mãos sacolas cheias de gostosuras, loucos de alegria na noite de Halloween.

— Mas aqui... — sussurrou Tom.

— Aqui o quê? — perguntou Montarlha, planando ao seu lado.

— Ah, bem, aqui...

— E por toda a América do Sul...

— Sim, no sul. Aqui e no sul. Todos os cemitérios. Todos os cemitérios estão...

... *repletos de velas acesas*, pensou Tom. Milhares de velas neste cemitério, centenas naquele, dez mil chamas pequeninas tremeluzindo ao longe, a centenas de quilômetros, cinco mil quilômetros até chegar à pontinha da Argentina.

— É assim que eles comemoram...

— *El Día de los Muertos*. Como anda o Espanhol na escola, Tom?

— O Dia dos Mortos?

— *Caramba, sí!* Pipa, desmonte-se!

Mergulhando no ar, a Pipa se desfez pela última vez.

Os garotos caíram na costa rochosa do lago silencioso.

Uma névoa cobria as águas.

Do outro lado do lago, conseguiam ver túmulos não iluminados. Ali ainda não havia nenhuma vela acesa.

Cortando a bruma, uma canoa movia-se silenciosamente sem ser remada, como se levada pelas águas.

Uma figura alta, envolta num pano cinzento, jazia parada em um dos lados do barco.

O barco encostou suavemente na grama da margem.

Os garotos suspiraram. Pois, até onde podiam ver, havia apenas sombra por dentro do capuz da figura encoberta.

— Sr... Sr. Montarlha?

Eles sabiam que devia ser ele. Mas ele nada respondeu. Apenas um fraco lampejo de um largo sorriso dentro do capuz. A mão ossuda gesticulou.

— Shhhh! — sussurrou a voz do capuz vazio.

A figura gesticulou uma vez mais e, tocados pelo vento, eles cruzaram as águas escuras sob o céu noturno salpicado com bilhões de fogos estelares nunca antes vistos.

Ao longe, na ilha sombria, ouvia-se o som de um violão.

Uma única vela estava acesa no cemitério.

Em algum lugar, alguém tocava uma flauta.

Outra vela foi acesa entre os túmulos.

Alguém cantou uma única palavra de uma canção.

A chama de um fósforo trouxe à vida uma terceira vela.

E, quanto mais rápido o barco se movia, mais alto soavam as notas do violão e mais velas se acendiam no alto da colina pedregosa. Dezenas, centenas, milhares de velas brilharam, e a sensação era de que a constelação inteira de Andrômeda caíra dos céus para repousar ali, no meio do México noturno.

O barco atracou na costa. Os garotos, surpresos, desembarcaram. Olharam em volta, mas Montarlha não estava mais lá. Apenas seu manto vazio jazia sobre o barco.

Um violão os atraía. Uma voz cantava para eles.

Uma estrada, como um rio de pedras brancas e rochas alvas, os conduzia para a cidade que parecia um cemitério e para o cemitério que parecia... uma *cidade*!

Pois não havia vivalma na cidade.

Os garotos alcançaram o pequeno muro do cemitério e, então, o grande portão de ferro com barras pontudas. Seguraram-se nas barras e olharam lá para dentro.

— Nossa — arfou Tom. — Eu nunca vi nada parecido!

Pois agora sabiam por que a cidade estava vazia.

Era porque o cemitério estava cheio.

Em cada túmulo, havia uma mulher ajoelhada depositando gar-dênias ou azaleias ou crisálidas sobre a lápide.

Em cada túmulo, ajoelhava-se uma filha que acendia outra vela ou reacendia alguma que tivesse se apagado.

Em cada túmulo, havia um menino em silêncio, com olhos castanhos e brilhantes, segurando um pequenino cortejo fúnebre de papel machê e, na outra mão, uma caveira também de papel machê chocalhando, recheada de arroz e nozes.

— Vejam! — sussurrou Tom.

Havia centenas de túmulos. Centenas de mulheres. Centenas de filhas. Centenas de filhos. E centenas e centenas e milhares de velas. O cemitério inteiro era um enxame de luzes, como se uma população de vagalumes tivesse ficado sabendo de uma Grande Reunião e voasse até ali para se acender sobre as lápides e iluminar os rostos pardos e os olhos escuros e os cabelos negros.

— Cara — disse Tom, em parte para si mesmo —, lá em casa nós nunca vamos ao cemitério, exceto, talvez, no *Memorial Day*^(iv), uma vez por ano, com o dia claro, o sol brilhando, o que não é nada divertido. Agora isso, isso sim é... *divertido*!

— Com certeza! — concordaram todos com um sussurro animado.

— O Halloween do México é muito melhor que o nosso!

Em cada túmulo, havia pratos de biscoitos com formato de padres ou de esqueletos ou de fantasmas, esperando para serem mordiscados pelos... vivos? Ou por fantasmas que podem chegar ao amanhecer, famintos e abandonados? Ninguém sabia. Ninguém dizia.

E cada menino dentro do cemitério, ao lado da irmã e da mãe, colocava uma miniatura de funeral sobre o túmulo. E eles podiam ver as pessoinhas doces dentro dos caixõezinhos de madeira serem colocadas perante um altarcinho cheio de velinhas. E, em volta dos caixõezinhos, estavam de pé miniaturas de meninos com amendoins no lugar da cabeça e olhos pintados na casca. Atrás do altar, havia um padre com a cabeça feita de milho e o tronco feito de noz. E, no altar, estava uma foto da pessoa no caixão, que estivera viva outra e era lembrada naquele momento.

— Melhor, bem melhor — sussurrou Ralph.

— *Cuevos*! — cantou uma voz que vinha do alto da colina.

No cemitério, vozes seguiram a canção.

Inclinando-se sobre os muros do cemitério, alguns com violões ou garrafas nas mãos, estavam os homens do vilarejo.

— *Cuevos de los Muertos...* — cantava a voz distante.

— *Cuevos de los Muertos...* — cantavam os homens nas sombras do lado de dentro dos portões.

— Caveiras — traduziu Tom. — As caveiras dos mortos.

— Caveiras, doces caveiras de açúcar, doces caveiras de caramelo, as caveiras dos mortos — cantava a voz, cada vez mais próxima.

E lá embaixo na colina, caminhando suavemente nas sombras, vinha um corcunda Vendedor de Caveiras.

— Não, não é um corcunda — disse Tom, quase em voz alta.

— Ele tem um carregamento inteiro de *caveiras* nas costas — gritou Ralph.

— Balas de caveira, balas de caveira açucaradas e cristalizadas — cantava o Vendedor, com o rosto encoberto por um grande sombreiro. Mas era a voz de Montarlha que gritava docemente.

Carregava um bambu comprido sobre o ombro, no qual pendurava-se em tiras negras uma grande quantidade de caveiras de açúcar do tamanho das cabeças dos meninos. E, em cada caveira, havia um nome escrito.

— Nomes! Nomes! — cantava o Vendedor. — Digam seus nomes, e eu lhes darei suas caveiras!

— Tom — disse Tom.

O velho puxou uma das caveiras. Nela, podia-se ler em letras bem grandes:

TOM.

Tom a recebeu e segurou com os dedos o próprio nome, sua própria caveira doce e comestível.

— Ralph.

E a caveira com o nome RALPH lhe foi arremessada. Ralph a pegou, rindo.

De forma ligeira, a mão ossuda puxava e lançava as caveiras brancas uma após a outra, com doçura, pelo vento gelado:

HENRY-HANK! FRED! GEORGE! HACKLES! J.J.! WALLY!

Os garotos, bombardeados, gritavam e dançavam, sob a mira das próprias caveiras, com os próprios nomes orgulhosos gravados em cada testa branca daqueles crânios. Agarraram, quase derrubando, aquelas esplêndidas bombas.

Ficaram sem reação, boquiabertos, observando os doces da morte em suas mãos meladas.

E, de dentro do cemitério, vozes sopranos masculinas cantavam bem alto:

*“Roberto... Maria... Conchita... Tomás.
Calavera, Calavera, comam balas de caveira!
Seus nomes no crânio doce, branco como a lua.
Venham todos depressa, desçam correndo a rua.
Comprem da grande montanha branca
empilhada pela praça. Comprem, venham provar!
Mastiguem seus nomes! Que banquete vamos dar!”*

Os garotos seguravam os doces de caveira.

*“Morda o T e o O e o M. Tom!
Mastigue o H, engula o A, digira o N, engasgue o K. Hank!”*

Eles salivaram. Mas seria veneno o que seguravam?

*“Você imaginaria?
Tanta alegria, tanta gritaria,
Todos os meninos às sombras se deliciam, à noite se extasiam!
Que delícia! Dê uma mordida!
Vá em frente! Mastigue essa cabeça com os dentes!”*

Os garotos levaram seus doces nomes à boca e estavam prestes a dar uma mordida quando...

— *Olé!*

Um bando de meninos mexicanos apareceu correndo, gritando seus nomes, pegando as caveiras.

— Tomás!

E Tom viu Tomás fugindo com a caveira com seu nome.

— Ei — disse Tom. — Ele meio que se parece... *comigo!*

— Parece, é? — disse o Vendedor de Caveiras.

— Enrique! — gritou um menino baixinho de origem indígena, agarrando a caveira de Henry-Hank.

Enrique correu colina abaixo.

— Ei, aquele se parecia *comigo!* — exclamou Henry-Hank.

— Parecia, *sim* — concordou Montarlha. — Rápido, garotos,

vejam o que eles estão tramando. Segurem seus crânios de açúcar e *não os percam!*

Os garotos deram um salto.

Naquele exato momento, uma explosão atingiu as ruas de baixo, na cidade. Seguida de outra explosão e mais outra. Fogos de artifício.

Os garotos deram uma última olhada nas flores, nos túmulos, nos biscoitos e alimentos, nas caveiras sobre as tumbas, nos funerais em miniatura com corpos dentro de caixões minúsculos, nas velas, nas mulheres agachadas, nos meninos solitários e nas meninas e nos homens e, então, viraram-se e partiram, descendo a colina, em direção aos rojões.

Tom e Ralph e todos os outros garotos fantasiados chegaram correndo à praça central, ofegantes. Pararam de repente e começaram a dançar, enquanto milhares de bombinhas estouravam em volta de seus pés. As luzes estavam acesas. De repente, as lojas se abriram.

E Tomás e José Juan e Enrique, aos gritos, acendiam e atiravam bombinhas.

— Ei, Tom, para você, de *mim*, Tomás!

Tom sentiu os próprios olhos cintilarem ao observar o rosto selvagem do menino.

— Ei, Henry, esta é do Enrique! Bang!

— J.J., esta... Bang! É do José Juan.

— Ah, este é o melhor Halloween de todos! — exclamou Tom.

E era de fato.

Pois, em nenhuma das suas viagens mais aventureiras, nunca houvera tanta coisa para se ver, tocar, cheirar.

Em cada beco e em cada porta e janela, havia montes de caveiras de açúcar com belos nomes.

De cada beco vinha o tap-tap de besouro dos fabricantes de caixões, batendo, martelando, pregando as tampas dos caixões como tambores de madeira à noite.

Em cada esquina havia pilhas de jornais com fotos do Prefeito com o corpo de esqueleto, ou do Presidente todo feito de ossos, ou da primeira-dama vestida como um xilofone e a Morte tocando uma canção em suas costelas musicais.

— *Calavera, Calavera, Calavera...* — descia a canção pela colina. — Vejam os políticos enterrados nos jornais, DESCANSEM EM PAZ sob seus nomes. Assim é a fama!

*“Veja os esqueletos se divertindo, e subindo
Ombro sobre ombro sobre ombro!
Dando sermões, jogando bola, se ferindo!
Pequenos corredores, pequenos saltadores,
Esqueletos pequeninos, cada um pula e se empena.
Você já sonhou em como a morte pode ser
Tão ínfima, tão pequena?”*

E a canção dizia a verdade. Para onde quer que os meninos olhassem, havia acrobatas em miniatura, trapezistas, jogadores de basquete, padres e malabaristas, todos em forma de esqueleto, dos pés à cabeça, e todos pequeninos o bastante para se carregar entre os dedos.

E lá, numa janela, havia uma banda de jazz inteira em miniatura, com esqueletos trompetistas, bateristas, e um esqueleto tocando uma tuba do tamanho de uma colher de sopa, e ainda um esqueleto maestro, com um chapéu brilhante e uma batuta na mão. Uma musiquinha saía do pequenino trompete.

Nunca na vida os meninos tinham visto tantos... ossos!

— Ossos! — Todos eles riram. — Ah, *adoráveis* ossos!

A canção começou a ficar mais baixa.

*“Segurem o sombrio feriado em suas mãos,
Mordam-no, engulam-no e sobrevivam,
Saíam do longo e escuro túnel d’El Dia de Muerte
E orgulhem-se de suas almas estarem... vivas!
Calavera... Calavera...”*

Os jornais, com bordas negras, foram soprados como funerais brancos ao vento.

Os meninos mexicanos subiram correndo a colina ao encontro de suas famílias.

— Ah, isso tudo é tão estranho e divertido — sussurrou Tom.

— Como assim? — perguntou Ralph ao seu lado.

— Lá, em Illinois, nós esquecemos o que isso tudo quer dizer. Digo, os mortos da nossa cidade, nesta noite, puxa, eles estão abandonados. Ninguém se lembra deles. Ninguém se importa. Ninguém vai sentar e conversar com eles. Cara, isso é muito triste. E solitário. Mas aqui... vejam só. É feliz e triste ao mesmo tempo. São bombi-

nhas e brinquedos de esqueleto aqui na praça, e lá em cima, no cemitério, todos os mexicanos mortos estão recebendo a visita de seus familiares, que lhes oferecem flores e velas e doces e cantos. É quase como o nosso dia de Ação de Graças, não é? E todos se sentam para jantar, mas apenas metade é capaz de comer, mas não importa, eles estão *lá*. É como segurar as mãos dos amigos numa sessão espírita onde alguns dos amigos já se foram. Ah, droga, Ralph.

— É mesmo — concordou Ralph, balançando a cabeça sob a máscara. — Droga.

— Vejam, olhem lá, vejam só — disse J.J.

Os garotos olharam.

No topo de uma pilha de caveiras de açúcar, havia uma com o nome PIPKIN.

A doce caveira Pipkin, mas... em nenhum lugar em meio a todas as explosões e esqueletos dançantes e caveiras voadoras estava um pedacinho ou uma sombra de Pip.

Eles estavam tão acostumados com Pip aprontando fantásticas surpresas, aparecendo nas paredes de Notre Dame, ou soterrado num sarcófago de ouro, que esperavam que Pipkin, como um daqueles palhaços que pulam da caixa, saltasse do meio das caveiras de açúcar, sacudisse um lençol em seus rostos e cantasse músicas fúnebres.

Mas não. Nada de Pip.

E, talvez, nada de Pip para sempre.

Os meninos estremeceram. Um vento frio soprou uma névoa vinda do lago.

Capítulo 19



Pela rua escura na noite, virando a esquina, vinha uma mulher carregando nos ombros um bastão com um balde de metal pendurado em cada extremidade, cada qual cheio de carvão em brasa. Daquele monte de carvão rosado espirravam fagulhas brilhantes como vagalumes que se espalhavam ao vento. Por onde passava descalça, deixava uma trilha de pequenas fagulhas, que logo morriam. Sem dizer palavra, arrastando os pés, virou outra esquina, entrou num beco e desapareceu.

Atrás dela, seguia um homem carregando sobre a cabeça, bem suavemente, um pequeno caixão.

Tratava-se de uma caixa feita de madeira branquíssima e fechada com pregos. Nas laterais e na parte superior, havia simplórias rosetas prateadas, flores de papel e seda feitas à mão.

Dentro do caixão estava...

Os garotos observaram o cortejo fúnebre de dois passar.

Dois, pensou Tom. *O homem e o caixão, claro, e a coisa dentro do caixão.*



O homem, com rosto solene, equilibrando a caixa no alto da cabeça, entrou, empertigado, na igreja próxima.

— A-aquele era... — gaguejou Tom. — Aquele era Pip de novo,

dentro do caixão?

— O que acha, rapaz? — perguntou Montarlha.

— Eu não sei! — exclamou Tom. — Só sei que para mim basta. A noite foi longa demais. Eu vi coisas demais. Eu sei de tudo, caramba. Tudo!

— É! — concordaram todos, aproximando-se uns dos outros, trêmulos.

— E temos de voltar para casa, não é? E quanto a Pipkin? Onde ele está? Ele está vivo ou morto? Podemos salvá-lo? Ele está perdido? É tarde demais? O que faremos?

— O quê?! — reforçaram todos, e as mesmas perguntas saíram de suas bocas e brotaram de seus olhos. Todos agarraram Montarlha como se quisessem arrancar a resposta de seus ossos.

— O que faremos?

— Para salvar Pipkin? Uma última coisa. Olhem esta árvore!

Penduradas nos galhos, havia uma dúzia de *piñatas* de Halloween: demônios, fantasmas, crânios e bruxas balançavam ao vento.

— Quebrem as suas *piñatas*, garotos.

Cada um recebeu um bastão.

— Ataquem!

Aos gritos, eles atacaram. As *piñatas* explodiram.

E da *piñata* de Esqueleto choveram mil folhas de esqueletos sobre Tom. O vento soprou, levando os esqueletos, as folhas e Tom para longe.

E da *piñata* de Múmia saíram centenas de frágeis múmias egípcias, que se lançaram ao céu, carregando Ralph consigo.

E assim cada um dos garotos golpeou e acertou e libertou pequeninas imagens dançantes de si mesmo, de forma que demônios, bruxas e fantasmas gritaram e agarraram e os garotos e as folhas giraram pelo céu, seguidos por Montarlha, que gargalhava.

Ricochetearam nos últimos becos da cidade. Bateram e saltitaram como pedras jogadas nas águas de um lago...

... e aterrissaram numa confusão de joelhos e cotovelos sobre uma montanha ainda mais distante. Sentaram-se por fim.

Viram-se no meio de um cemitério abandonado sem valma, sem luz. Apenas pedras como imensos bolos de casamento sob o luar.

E, enquanto observavam, Montarlha, pousando leve sobre os pés num movimento elegante e silencioso, se agachou. Pegou uma alça de ferro na terra e a puxou. Dobradiças rangeram, e um alça-

pão na terra se abriu.

Os garotos se aproximaram até a beira do grande buraco.

— Cata... — gaguejou Tom. — Catacumbas?

— Catacumbas — concordou Montarlha.

Uma escada levava ao interior seco e poeirento da terra.

Os garotos engoliram em seco.

— Pip está lá embaixo?

— Vão até lá e o tragam aqui para cima, garotos.

— Ele está *sozinho* lá embaixo?

— Não. Há coisas com ele. *Coisas*.

— Quem vai primeiro?

— Eu não!

Silêncio.

— Eu vou — disse Tom por fim.

Ele pôs o pé no primeiro degrau e começou a descer. Deu outro passo. E, de repente, havia desaparecido.

Os outros o seguiram.

Desceram as escadas em fila indiana e, a cada passo, a escuridão os envolvia mais e, a cada passo, o silêncio ficava mais pesado e, a cada passo, a noite se aprofundava e enegrecia e, a cada passo, as sombras espreitavam e davam a impressão de sair das paredes e, a cada passo, coisas estranhas pareciam sorrir para eles da caverna comprida que os aguardava lá embaixo. Parecia que morcegos se penduravam bem acima de suas cabeças, emitindo sons tão agudos, que eles nem sequer conseguiam ouvir. Apenas cães talvez conseguissem, e ficassem histéricos, se arrepiando e fugindo. A cada degrau que desciam, a cidade ficava mais distante, assim como a terra e todas as pessoas legais. Até o cemitério acima parecia distante. Sentiram-se sozinhos. Sentiram-se tão sozinhos que ficaram com vontade de chorar.

Cada degrau que desciam os afastava bilhões de quilômetros da vida que conheciam e das camas quentinhas e da luz das velas e da voz das mães e do cachimbo dos pais e do seu pigarrear à noite que fazia com que se sentissem bem, sabendo que ele estava lá, em algum lugar na escuridão, vivo e revirando-se na cama, capaz de derubar qualquer coisa com seus punhos se necessário fosse.

Por fim, desceram o último degrau e olharam para a caverna comprida, para o grande recinto.

E todas as *pessoas* estavam ali, no mais absoluto silêncio.

Estavam em silêncio havia muito tempo.

Algumas delas estavam em silêncio havia trinta anos.

Algumas estavam quietas havia quarenta anos.

Algumas estavam completamente mudas havia setenta anos.

— Ali estão — disse Tom.

— As múmias? — sussurrou alguém.

— As múmias.

Havia uma grande fileira delas, de pé contra as paredes. Cinquenta múmias contra a parede direita. Cinquenta múmias contra a parede esquerda. E quatro múmias aguardando ao fim do corredor escuro. Cento e quatro múmias secas como pó, mais sozinhas do que eles, mais solitárias do que eles jamais se sentiriam na vida, abandonadas ali, deixadas embaixo da terra, longe dos vaga-lumes e do latido dos cachorros e da doce cantoria dos homens e seus violões à noite.

— Ah, puxa — disse Tom. — Todos estes pobres coitados. Eu já ouvi falar deles.

— O quê?

— Os parentes não puderam pagar o aluguel de seus túmulos, então o coveiro desenterrou estas pessoas e as colocou aqui. A terra é tão seca que as transforma em múmias. E vejam só como estão vestidas.

Os garotos olharam e viram que alguns daqueles antigos corpos estavam vestidos como fazendeiros, e outros como moças camponesas, e outros ainda como empresários, em seus velhos ternos escuros. Havia até um toureiro com sua roupa brilhosa cheia de poeira. Mas dentro das roupas havia apenas ossos e pele seca e teias de aranha e poeira que escorreriam por suas costelas se alguém espirrasse e os chacoalhasse.

— O que é aquilo?

— Aquilo o quê?

— Sssssst!

Todos pararam para ouvir.

Olharam para a caverna.

Todas as múmias retribuíram o olhar sem nada nos olhos. Todas as múmias aguardaram sem nada nas mãos.

Alguém chorava ao fim de um longo e escuro corredor.

— Ahhhh... — fazia o som.

— Oh... — fazia o choramingo.

— Iiiii... — chorava a voz baixinha.

— Este... ora, mas este é Pip. Só o ouvi chorar uma vez, mas é

ele. Pipkin. E ele está preso ali em baixo na catacumba.

Os garotos olharam.

E viram, a uns trinta metros, agachado num canto, preso na parte mais funda da catacumba, uma pequena figura que... se mexia. Os ombros se sacudiam. A cabeça curvada se encobria por mãos trêmulas. E, por trás das mãos, a boca gemia, assustada.

— Pipkin...?

O choro parou.

— É você? — sussurrou Tom.

Seguiu-se um longo silêncio, um suspiro trêmulo e então:

— ... sou eu.

— Minha nossa, Pip, o que está fazendo aí embaixo?

— Eu não sei!

— Vem com a gente.

— Eu... eu não posso. Estou com medo!

— Mas, Pip, se você ficar aí...

Tom parou de falar.

Pip, pensou ele, se você ficar, ficará para sempre. Se ficar, ficará com todo o silêncio e com os solitários. Ficar na enorme fila e turistas virão olhar você e comprarão entradas para olhar um pouquinho mais. Você...

— Pip! — exclamou Ralph atrás da máscara. — Você precisa sair daí.

— Não posso — soluçou Pip. — *Eles* não deixam.

— Eles?

Mas sabiam que ele se referia à fila comprida de múmias. Para sair, ele teria de passar pelo corredor polonês de pesadelos, mistérios, terrores e assombrações.

— *Eles* não podem impedi-lo, Pip.

Pipkin respondeu:

— Ah, podem, sim.

— ... podem... — ecoou a profundidade da catacumba.

— Tenho medo de sair.

— E nós estamos... — disse Ralph.

Com medo de entrar, pensaram todos.

— Talvez se escolhêssemos *um* corajoso o suficiente... — sugeriu Tom, e calou.

Pois Pipkin estava chorando de novo, e as múmias aguardavam e a noite era tão escura no corredor comprido da tumba que você poderia afundar no chão se pisasse nele e nunca mais conseguir se

mover. O chão agarraria seus tornozelos com mãos ossudas de mármore e o seguraria até você congelar de frio e se transformar numa estátua de pedra seca para todo o sempre.

— Que tal se todos entrássemos juntos? — sugeriu Ralph.

E eles tentaram avançar.

Como uma grande aranha com muitas patas, tentaram passar pela porta. Dois passos para a frente, um passo para trás. Um passo para a frente, dois passos para trás.

— Ahhhhhh! — chorou Pipkin.

Os garotos tropeçaram uns nos outros e deram meia-volta, gaguejando e gritando seus terrores e temores. Ouviram uma avalanche de batimentos cardíacos que doía dentro do peito.

— Ai, céus, o que faremos? Ele está com medo de sair e nós, com medo de entrar. O que podemos fazer? O quê? — lamentou Tom.

Atrás deles, encostado na parede, estava Montarlha, esquecido. Uma pequena centelha brilhou em seu sorriso e se apagou entre seus dentes.

— Aqui, garotos. Salvem-no com isto.

Montarlha enfiou a mão no manto escuro e retirou o já conhecido crânio branco de açúcar, no qual estava escrito:

PIPKIN!

— Salvem Pipkin, rapazes. Negociem.

— Mas com quem?

— Comigo e com outros sem nome. Peguem. Quebrem este crânio em oito pedaços deliciosos, garotos, e dividam entre vocês. *P* para você, Tom. *I* para Ralph. Metade do outro *P* para você, Hank, e a outra metade para você, J.J. Parte do *K* para você, garoto, e outra para você. E aqui estão o *I* e o *N* final. Peguem esses doces pedaços, rapazes. Percebam. Eis o trato sombrio. Vocês realmente querem que Pipkin viva?

A pergunta provocou uma explosão de protestos furiosos que fez Montarlha retroceder. Os garotos ladravam como cães só por ele ter feito tal questionamento.

— Tudo bem, tudo bem — apaziguou Montarlha. — Vejo que vocês realmente querem. Bem, então, cada um de vocês estaria disposto a ceder o último ano de sua vida?

— Como assim? — disse Tom.

— Estou falando sério, garotos. Um ano, um precioso ano do finalzinho da vida de cada um de vocês. Com isso vocês conseguirão

pagar o resgate de Pipkin e salvá-lo da morte.

— Um ano! — O sussurro, o murmúrio, o cálculo apavorante correu por entre eles. Era difícil compreender. Um ano tão distante não era nada. Garotos de 11 ou 12 anos nem sequer conseguem se imaginar como um homem de 70. — Um ano? Um aninho? Ora, é claro. Por que não? Sim...

— Pensem, garotos, pensem! Essa não é uma troca inconsequente que não dará em nada. Eu estou falando sério. É real e concreto. Trata-se de uma decisão importante e uma troca difícil — explicou Montarlha. — Cada um de vocês deve prometer dar um ano. Vocês não sentirão falta dele agora, é claro, pois são jovens demais, e, ao tocar suas mentes, posso ver que não conseguem vislumbrar a situação final. Só muito mais tarde, daqui a cinquenta anos, ou quem sabe sessenta, quando o tempo de vocês estiver se esgotando e desejarem muito um dia a mais de sol e felicidade, será então que o sr. D de Destino ou o sr. O de Ossos apresentará a conta a ser paga. Ou talvez quem venha seja eu mesmo, o próprio Montarlha, um amigo, e diga: “é chegada a hora.” Então, um ano prometido deverá ser um ano pago. Eu direi “cedam”, e vocês cederão. E o que isso significará para cada um de vocês? Eu explico. Significará que aqueles de vocês que deveriam viver 71 anos morrerão com 70. Aqueles que poderiam viver até 86 deverão deixar a vida aos 85. Já seria uma vida longa. Um ano a mais ou a menos não parece muito. Quando chegar a hora, garotos, vocês podem se arrepender. Mas poderão dizer: este ano aproveitei bem, pois o dei a Pip, fiz um empréstimo de vida para o doce Pipkin, a mais bela maçã que quase caiu cedo demais da árvore. Alguns de vocês cruzariam a linha com 49 e terão de fazê-lo aos 48. Alguns poderiam viver até os 55, mas partirão para o Sono Eterno aos 54. Vocês estão entendendo direito agora, garotos? Conseguem fazer os cálculos? A aritmética está clara o suficiente? Um ano! Quem ofereceria 365 dias inteiros da própria alma para ter Pipkin de volta? Pensem bem, garotos. Fiquem em silêncio. E, então, falem.

Houve um silêncio meditativo enquanto os alunos de matemática faziam seus cálculos.

E as somas foram bastante rápidas, na verdade. Não havia dúvidas, embora soubessem que alguns anos mais tarde talvez lamentassem aquela pressa terrível. Ainda assim, o que mais poderiam fazer? Apenas se afastar da praia a nado e salvar o garoto que se afogava antes que ele afundasse uma última vez na poeira aterrorizan-

te.

— Eu — disse Tom. — Eu darei um ano.

— Eu também — disse Ralph.

— Estou dentro — disse Henry-Hank.

— Eu também!

— E eu!

— Conte comigo!

Todos responderam.

— Vocês sabem o que estão prometendo, garotos? Vocês *amam* Pipkin de verdade?

— Amamos, sim! Sim!

— Que assim seja. Mastiguem e comam, rapazes. Comam e mastiguem.

Eles enfiaram os pedaços do crânio doce na boca.

Mastigaram e comeram.

— Engulam a escuridão, garotos, abram mão do seu ano.

Engoliram com força, tanta força que seus olhos brilharam e suas orelhas zumbiram e seus corações dispararam.

Sentiram algo como uma gaiola de pássaros se abrir em seus peitos e em seus corpos, voando, invisíveis. Viram sem enxergar os anos que deram de presente voarem mundo afora para posarem em algum lugar como pagamento de dívidas estranhas.

Ouviram um grito.

— Aqui!

Seguido por:

— Vou!

E por fim:

— Eu!

Bum, bum, bum! Três palavras e o som de sapatos batendo três vezes na pedra.

E, pelo corredor e por entre as fileiras de múmias que se inclinaram para impedi-lo, mas em vão, entre os gritos e berros silenciosos, determinado e apressado, correndo e lançando-se à frente, dando cotoveladas, enchendo as bochechas, fechando os olhos, esfolegando pelas narinas e batendo, batendo, batendo com os pés no chão, pulando, saltando e saltitando, veio...

Pipkin.

Oh! E como ele *corria*!!!

— Vejam ele se aproximando. Venha, Pip.

— Pip, você está no meio do caminho!

— Olhem como ele corre! — disseram todos com o doce na boca, com o honorável nome de Pipkin preso nos dentes, com o sabor dele nos maxilares, com o nome maravilhoso na ponta da língua: Pip, Pip, Pipkin!

— Não pare agora, Pip. Não olhe para trás!

— Não caia!

— Ali vem ele. Falta apenas um terço do caminho!

Pip correu pelo corredor polonês. Ele era bom e ótimo e rápido e perfeito. Entre cem múmias entrevadas, ele correu sem ser tocado e não olhou para trás e... venceu a corrida.

— Pip, você conseguiu!

— Está seguro agora!

Mas Pip continuou correndo. Não apenas pelo corredor polonês dos mortos, mas também pelo corredor de garotos vivos, quentes e suados que gritavam.

Passou direto por eles e desapareceu escada acima.

— Pip, está tudo bem, volte aqui!

Todos subiram atrás dele.

— Para onde ele está indo, sr. Montarlha?

— Bem, imagino que, amedrontado como está — deduziu Montarlha —, ele deve estar indo para casa.

— Pipkin está... a salvo?

— Vamos ver, garotos. Para o alto!

Montarlha girou como um furacão. Seus braços estendidos cortavam o ar como hélices afiadas. Girou tão rápido que criou um vácuo, uma tempestade feita por ele mesmo. Aquele ciclone, aquele aspirador gigantesco de ar agarrou cada um dos garotos pela orelha, pelo nariz, pelo cotovelo, pelos dedos dos pés.

Como muitas folhas arrancadas de uma árvore, subiram ao céu aos gritos. Montarlha, delirante, alçou voo. E os garotos, se aquilo fosse possível, o seguiram. Atingiram as nuvens como uma explosão de tiros. Seguiram Montarlha como uma revoada de pássaros do norte, voando para casa antes da temporada.

A Terra pareceu dar uma reviravolta de norte a sul. Mil pequenas vilas e cidades giraram, iluminadas pelas velas dos túmulos por todo o México, iluminadas pelas velas dentro das abóboras mais ao norte, logo depois da fronteira com o Texas e subindo por Oklahoma e Kansas e Iowa e, por fim, Illinois, até que:

— Estamos em casa! — exclamou Tom. — Lá está o fórum! Lá está a *minha* casa. E lá está a Árvore do Halloween!

Giraram uma vez ao redor do fórum e duas vezes em volta da Árvore com mil abóboras brilhantes e uma última vez pela grande casa de Montarlha com muitas cumeeiras, muitos aposentos, muitas janelas escancaradas, para-raios compridos, balaustradas, sótãos, arabescos, que se inclinavam e gemiam ao vento provocado pela passagem deles. Algumas janelas soltavam poeira para cumprimentá-los. Em outras janelas, sombras oscilavam como línguas antigas colocadas para fora para serem diagnosticadas por pequenos médicos de estranhos conhecimentos. Fantasmas se encolhiam como flores brancas, enrolando-se e desenrolando-se em bandeiras puídas que caíam em ruínas enquanto eles passavam.

E a casa inteira era como a síntese de todos os Halloweens de todos os tempos. Foi isso o que gritou Montarlha, agitando os velhos braços e teias e tecidos negros, enquanto pousava no telhado e acenava para os garotos pousarem também, e apontava para uma imensa claraboia que mostrava todos os pavimentos de sua mansão.

Os garotos se reuniram em torno da claraboia e viram uma escada que levava a diversos andares de diversas eras e histórias de homens e esqueletos e músicas horripilantes tocadas em flautas de ossos.

— Ali está, garotos. Deem uma olhada. Conseguem ver? Ali está todo o nosso voo, de dez mil anos, ali está toda a nossa viagem num só lugar, desde os homens das cavernas, passando pelo Egito e pelas portas romanas, seguindo para o campo de colheita na Inglaterra até o cemitério no México.

Montarlha ergueu o grande painel de vidro.

— O corrimão da escada, garotos. Escorreguem nele! Cada qual para sua própria época, sua própria era, seu próprio andar. Saltem onde a sua fantasia combine, onde pareça o lugar da sua máscara, o lugar ao qual vocês pertencem! Vamos!

Os garotos pularam e caíram pelo poço da escada até o degrau mais acima. Então, um por um, subiram no corrimão e escorregaram, gritando por todos os andares e todos os níveis e todas as eras da História, guardadas na incrível mansão de Montarlha.

Girando e girando, desceram ligeiros, escorregando e deslizando pelo corrimão encerado.

Vvrruum-tum! J.J., com sua fantasia de Homem das Cavernas, seguiu até o porão. Olhou ao redor. Viu pinturas nas cavernas, fumaça, fogueira e sombras de enormes homens-gorilas. Olhos de dentes-de-sabre o queimavam no escuro.

Descendo vinha Ralph, o Garoto Egípcio Mumificado por toda a eternidade, para aterrissar no primeiro andar, onde hieróglifos se organizavam em exércitos de símbolos, com esquadrões de pássaros antigos nos céus e bandos de deuses-feras e besouros dourados rolando bolotas de fezes pela história.

Tum! Hackles Nibley, com sua foice que de alguma forma ainda brilhava em suas mãos, chegou e quase se estatelou em carne moída no segundo andar, onde a sombra de Samhain, o deus druida da Morte, brandia sua foice na parede oposta do aposento!

Bang! George Smith — um Fantasma grego, uma Assombração romana? — pousou no terceiro andar, próximo a pórticos tingidos com piche que colava antigos espíritos vagantes ao umbral!

Bum! Henry-Hank, a Bruxa, caiu no quarto andar entre bruxas saltando fogueiras nos campos da Inglaterra, França e Alemanha!

Fred Fryer? O quinto andar era o seu lugar. O Mendigo pousou entre o som de pedintes implorando ajuda nas estradas da Irlanda, mortos de fome.

Wally Babb, a Gárgula, voou e se estatelou no sexto andar, onde as paredes germinavam cotovelos e membros e pedaços, carrancas de gárgulas bem-humoradas e exultantes.

Até que, por fim, Tom Skelton escorregou do corrimão no andar superior tombando e derrubando caveiras brancas de açúcar como pinos de boliche num horrendo jogo entre as sombras de mulheres curvadas em colinas, com bandas de esqueleto em miniatura zumbindo canções, enquanto Montarlha, acima, ainda sobre o telhado, gritava para eles:

— Bem, garotos, vocês *conseguem* ver? É tudo uma coisa só, não é?

— Sim... — murmurou alguém.

— É tudo igual, mas diferente, não é? Cada era, cada tempo. O dia estava sempre acabando. A noite estava sempre chegando. E você não está sempre com medo, Homem das Cavernas aí em baixo? Ou você, Múmia, de que o sol nunca nasça de novo?

— Ssssim — sussurraram alguns outros.

E eles olharam para cima, por todos os andares da mansão, e viram todas as eras, todas as histórias e todos os homens da História olhando ao redor enquanto o sol nascia e se punha. Os homens das cavernas estremeceram. Os egípcios se lamentaram. Gregos e romanos fizeram cortejo para os mortos. O verão morreu. O inverno o enterrou. Um bilhão de vozes choraram. O vento do tempo chacoa-

lhou a mansão. As janelas se agitaram e quebraram como os olhos dos homens em lágrimas de cristal. Então, com gritos de alegria, dez mil vezes um milhão de homens comemoraram a volta dos brilhantes sóis de verão que queimavam cada janela com fogo!

— Vocês conseguem ver, garotos? Pensem! As pessoas desapareciam para sempre. Elas morriam, oh, Senhor, elas morriam! Mas voltavam em sonhos. E aqueles sonhos eram chamados de Fantasmas e amedrontavam os homens em todas as eras.

— Ah! — exclamaram um bilhão de vozes nos porões e nos sótãos.

Sombras subiam pelas paredes como velhos filmes projetados em cinemas antigos. Nuvens de fumaça pairavam em portas com olhar triste e bocas balbuciantes.

— Dia e noite. Verão e inverno, garotos. Época da sementeira e da colheita. Vida e morte. O Halloween é isso, tudo junto em uma coisa só. Meio-dia e meia-noite. O nascimento, garotos. Rolando, fingindo-se de morto, como os cães. E levantando de novo, latindo e correndo por milhares de anos de morte, Halloween a cada dia e a cada noite. Todas as noites escuras e apavorantes, cada uma delas, até que, por fim, vocês conseguiram entender e, escondidos em cidades e vilas, descansaram e recuperaram o fôlego. E vocês começaram a viver mais e ter mais tempo e espaço entre as mortes e, assim, afastar o medo e, por fim, ter apenas dias especiais em cada ano para pensar no anoitecer e no amanhecer e na primavera e no outono e no nascimento e na morte. E tudo faz sentido. Quatro mil anos atrás, cem anos atrás, este ano, em um lugar ou em outro, mas as celebrações são as *mesmas*...

— O Banquete de Samhain...

— A Era dos Mortos...

— Todas as Almas.

— O Dia dos Mortos.

— *El Dia De Muerte*.

— Todos os Santos.

— Halloween.

Os garotos alçavam suas vozes frágeis pelos andares do tempo, de todos os países e todas as eras, nomeando os feriados que eram os mesmos.

— Muito bem, rapazes! Muito bem!

Ao longe, o relógio da cidade indicou que eram 23h45.

— Já é quase meia-noite, garotos. O Halloween está quase no

fim.

— Mas e quanto a Pipkin? — quis saber Tom. — Nós o seguimos pela História, o enterramos, o desenterramos, o acompanhamos em cortejos, o velamos. Ele está vivo ou *não*?

— É — reforçaram todos. — Nós o *salvamos*?

— Será que salvaram?

Montarlha olhou para o outro lado da ravina e os garotos avistaram um prédio cujas luzes estavam se apagando.

— Aquele é o hospital de Pipkin, garotos. Mas vão até a casa dele. A última visita da noite, a última visita de Gostosuras ou Travessuras. Vão e obtenham suas últimas respostas. Sr. Marley, leve-os para *fora*!

A porta da frente se abriu com um estrondo: *bang!*

A aldraba de Marley presa à porta abriu a boca e assoviou um adeus para os garotos, que escorregavam pelos corrimões e corriam para a porta.



Pararam ao ouvir um grito final de Montarlha:

— Bem. E aí? Qual dos dois foi esta noite? *Gostosuras* ou Tra-

vessuras?

Os garotos respiraram fundo, seguraram o ar e soltaram a resposta:

— Nossa, sr. Montarlha, *os dois!*

Pah! Bateu a aldraba de Marley.

Bum! Bateu a porta.

E os garotos partiram, correndo apressados pela ravina, subindo a rua, respirando fundo, enquanto as máscaras caíam e eram pisoteadas, até que, por fim, pararam na calçada de Pipkin e olharam para o hospital ao longe e para a porta da casa de Pipkin.

— Vai você, Tom. Vai você — disse Ralph.

E Tom, devagar, se encaminhou até a casa, pisou no primeiro degrau e depois no segundo. Aproximou-se da porta, com medo de bater, com medo de descobrir a resposta final sobre o querido Pipkin. Será que estava morto? Será que Pipkin teria um último funeral? Pipkin, Pipkin, perdido para sempre? Não!

Ele bateu à porta.

Os garotos esperavam na calçada.

A porta se abriu. Tom entrou. Os garotos ficaram na calçada por um longo tempo, parados no frio, deixando o vento gelado carregar seus mais horríveis pensamentos.

E aí?, gritavam eles em silêncio para a casa, para a porta fechada e para as janelas escuras. *E aí? E aí? E aí?*

Então, por fim, a porta se abriu novamente e Tom saiu e ficou na varanda sem saber onde estava.

Então, Tom ergueu o olhar e viu os amigos esperando por ele a um milhão de quilômetros de distância.

Tom pulou da varanda, gritando.

— Ah, minha nossa! Minha nossa!

Ele correu pela calçada, aos berros:

— Ele está bem, ele está bem! Pipkin está no hospital! Tirou o apêndice às nove horas da noite! O médico disse que ele está bem!

— Pipkin...?

— Hospital...?

— Bem...?

O ar faltou como se cada um tivesse levado um soco no estômago. Então, o ar entrou e saiu de novo numa grande empolgação e num grito alto de triunfo.

— Pipkin, oh, Pipkin, Pip!

E os garotos ficaram ali no gramado de Pipkin e na calçada em

frente à varanda de Pipkin e trocaram olhares curiosos enquanto os sorrisos se abriam e os olhos se enchiam de lágrimas e eles gritavam e as lágrimas de alegria escorriam pelos seus rostos.

— Minha nossa! Minha nossa! — exclamou Tom, exausto e chorando de felicidade.

— Diga isso de novo — sugeriu alguém.

E todos repetiram. E todos juntos choraram de alegria.

E já que a noite inteira estava ficando ensopada com tantas lágrimas, Tom olhou em volta e os animou.

— Olhem para a casa de Pipkin. Não está horrível? Vou dizer o que devemos fazer...!

E eles saíram correndo e cada um voltou carregando uma abóbora acesa e as enfileirou no parapeito da varanda de Pipkin, onde elas riram sorrisos cruéis para aguardar o seu retorno.

E eles ficaram ali no gramado e olharam para a visão adorável de todos aqueles sorrisos. Suas fantasias estavam rasgadas nos braços, ombros e pernas, e a pintura, borrada e escorrida pelo rosto, e havia um cansaço maravilhosamente alegre nas pálpebras, braços e pés, mas não queriam partir ainda.

E o relógio da cidade bateu meia-noite — BLEEEINNN!

E bleeeinnn de novo, até chegar às doze badaladas.

E foi o fim do Halloween.

E, em toda a cidade, as portas bateram e as luzes se apagaram.

Os garotos começaram a dispersar, dizendo boa-noite. E boa-noite de novo. E uma vez mais. Sim, boa-noite. E o gramado ficou vazio, mas a varanda de Pipkin estava toda iluminada com velas e envolvida pelo calor e pelo cheiro de abóbora assada.

E o Fantasma e a Múmia e o Esqueleto e a Bruxa e todos os outros estavam de volta às suas casas, em suas varandas, e cada um se virou para olhar a cidade e se lembrar daquela noite especial da qual nunca se esqueceria em toda sua vida, e eles olharam para as varandas uns dos outros, mas, especialmente, para uma do outro lado da ravina, a enorme mansão em cujo telhado pontiagudo o sr. Montarlha se encontrava.

Os garotos acenaram, cada um de sua própria varanda.

A fumaça expelida pela alta chaminé gótica de Montarlha pairou, se moveu e acenou de volta.

E mais portas se fecharam e foram trancadas por toda cidade.

E a cada batida, uma abóbora, e mais outra e mais uma se apagavam na enorme Árvore do Halloween. Às dezenas, às centenas,

aos milhares, as portas se fechavam e as abóboras se apagavam, emitindo fumaças deliciosas.

A Bruxa hesitou, entrou e fechou a porta.

Uma abóbora com rosto de bruxa na árvore se apagou.

A Múmia entrou em casa e fechou a porta.

E a luz de uma abóbora com rosto de múmia se extinguiu.

E, por fim, o último garoto em toda a cidade, sozinho em sua varanda, Tom Skelton, ainda vestido de crânio e ossos, odiando ter de entrar, desejando aproveitar seu feriado favorito no ano inteiro até a última gota, lançou seus pensamentos no ar da noite em direção à casa além da ravina.

Sr. Montarlha, quem é VOCÊ?

E o sr. Montarlha, lá no alto do telhado, enviou sua resposta.

Acho que você sabe, garoto. Acho que você sabe.

Nós vamos nos encontrar de novo, sr. Montarlha?

Daqui a muitos anos, sim, eu virei buscá-lo.

E um último pensamento de Tom:

Ah, sr. Montarlha, será que nós ALGUM DIA deixaremos de temer as noites e a morte?

E veio a resposta:

Quando vocês alcançarem as estrelas e lá viverem para sempre, todos os medos irão embora e a própria Morte morrerá.

Tom ouviu, entendeu e acenou em silêncio.

O sr. Montarlha, ao longe, ergueu a mão.

Clique. A porta da frente de Tom se fechou.

Sua abóbora em forma de crânio, na grande Árvore, espirrou e apagou.

O ventou soprou na enorme Árvore do Halloween, que agora estava vazia de todas as luzes, a não ser por uma abóbora lá no alto.

Uma abóbora com os olhos e o rosto do sr. Montarlha.

No alto da casa, o sr. Montarlha se inclinou, tomou fôlego e as-soprou.

A sua vela dentro da cabeça de abóbora na Árvore tremulou e morreu.



Como um milagre, a fumaça saiu da boca, do nariz, das orelhas e dos olhos do sr. Montarlha, como se sua alma tivesse se extinguido em seus pulmões bem no momento que a doce abóbora deixava escapar seu fantasma incandescente.

Ele desceu para a casa e a porta do telhado se fechou.

O vento soprou e chacoalhou todas as abóboras escuras e fumacentas na grande e linda Árvore do Halloween. O vento agarrou mil folhas escuras e as soprou para o céu e as deixou cair na terra em direção ao sol que certamente nasceria.

Como a cidade, a Árvore apagou as últimas cinzas de seus sorrisos e dormiu.

Às duas horas da manhã, o vento soprou novamente em busca de mais folhas.

Sobre o autor

Ray Bradbury nasceu em Waukegan, Illinois, em 1920. Concluiu o ensino médio em uma escola de Los Angeles, em 1938, e esse foi o fim de sua educação formal, mas ele estudava sozinho — à noite, na biblioteca, e de dia, em frente à máquina de escrever. Vendeu jornais nas esquinas de Los Angeles de 1938 a 1942, um início modesto para um homem cujo nome um dia seria sinônimo da melhor ficção científica. Bradbury vendeu seu primeiro conto sobre o tema em 1941, e sua reputação inicial foi baseada em histórias publicadas em revistas de ficção científica da época. Seu trabalho foi escolhido como a melhor coleção de contos em 1946, 1948 e 1952. Seus prêmios incluem The O. Henry Memorial Award, Benjamin Franklin Award, em 1954, e The Aviation-Space Writers Association Award pelo melhor artigo espacial publicado em uma revista norte-americana, em 1967. Bradbury escreveu para televisão, rádio, teatro e cinema, além de ter sido publicado em todas as principais revistas norte-americanas. Edições de seus romances e contos de ficção foram publicadas em vários países e em diversos idiomas. Ele é reconhecido mundialmente por seu trabalho. Entre suas obras podemos citar: *As Crônicas Marcianas*, *Fahrenheit 451*, *Licor de Dente-de-Leão*, *Algo Sinistro Vem Por Aí*, *I Sing the Body Electric*, *The Golden Apples of the Sun*, *A Medicine for Melancholy*, *The Illustrated Man*, *Long After Midnight*, *The Stories of Ray Bradbury*, *Dinosaur Tales* e *The Toynehee Convectector*. Bradbury morreu em 2012, aos 91 anos.

Sobre o ilustrador

Joseph Mugnaini foi professor de artes no Otis Art Institute. Escreveu dois livros sobre pintura e desenho. Três de suas litografias fazem parte da coleção permanente da Library of Congress. Mugnaini morreu em 1992, aos 79 anos.



"Mounds shroud"

o/p

Myra

⁽ⁱ⁾ Em inglês, Skeleton, bastante similar ao sobrenome do personagem.

{ii} *Kazoo* é um instrumento de sopro, semelhante ao mirlitão, que modifica o som da voz de uma pessoa através de uma membrana vibratória. É usado para disfarçar a voz ou imitar animais. (N.T.)

{iii} Clássico de Charles Dickens, publicado em dezembro de 1843, que conta a história do avaro sr. Scrooge, que, em uma noite de Natal, recebe a visita do fantasma do amigo Marley, falecido havia sete anos. (N.T.)

{iv} Memorial Day é um feriado nacional dos Estados Unidos, comemorado na última segunda-feira de maio para homenagear os militares americanos mortos em combate. (N.T.)